

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MYLENA PALAZZO NUNES

O FOLCLORE POLONÊS COMO ELEMENTO DE CULTURA E TURISMO EM  
CURITIBA

CURITIBA

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MYLENA PALAZZO NUNES

O FOLCLORE POLONÊS COMO ELEMENTO DE CULTURA E TURISMO EM  
CURITIBA

Trabalho de graduação apresentado à disciplina de  
Projeto de Planejamento e Gestão em Turismo II do  
Curso de Turismo do Setor de Ciências Humanas,  
Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Silvana do Rocio de Souza

CURITIBA

2016

*Em homenagem a todos os imigrantes que deixaram sua terra em busca de uma oportunidade no Brasil. E também aos negros que ajudam a compor a cultura brasileira.*

*Em homenagem a minha Bisavó Edwirges Kubis que me deu a bela herança polonesa e me ensinou a ter orgulho da minha ascendência.*

## AGRADECIMENTO

Primeiramente um agradecimento mais que merecido e necessário às pessoas mais importantes da minha vida: meus pais Elizabete e Eduardo, que me apoiaram desde sempre e que não me deixaram desistir em momento algum, tanto em minha vida acadêmica quanto na vida pessoal.

Às minhas avós, que são os maiores exemplos de determinação para mim e que, apesar de todas as circunstâncias, venceram e conquistaram sonhos. E a minha tia Adriana que sempre esteve do meu lado e que, além de tia, é minha melhor amiga.

Ao meu avô João Enéas Sebastião Palazzo, que me deu as melhores heranças de todas: a oportunidade de um futuro melhor através dos estudos e o caráter honesto e honroso que sempre teve.

À minha professora Silvana, que me guiou na vida acadêmica e me passou seus conhecimentos, desenvolvendo meu senso crítico, conhecimento acadêmico e científico do turismo e, o mais importante, sempre lesionou com esmo e didática.

Aos meus colegas e professores do Curso de Turismo, os quais convivi por mais de 4 anos e que me ajudaram no âmbito pessoal e profissional, me ensinaram, apoiaram e aprenderam comigo.

Ao meu grupo folclórico, Wisla, que desde 2004 vem me ensinando sobre amor à cultura polonesa e convívio em grupo. Fiz amigos para a vida toda e cada vez mais aprendo com eles sobre amizade e determinação. Um agradecimento especial a Lourival Araújo pelo maior exemplo de amor a cultura e determinação e sucesso que conheço.

À Trilhas – Empresa Junior de Turismo UFPR, que me proporcionou a experiência mais rica e proveitosa da minha vida. Errei, aprendi, ensinei e fiz amigos para toda a vida no Movimento Empresa Júnior. O empreendedorismo e o poder de realização das pessoas podem mudar a situação da social do mundo, com força de vontade e pessoas motivadas a mudar o mundo, teremos um futuro melhor.

Ao meu amigo Jean Carvalho que me ajudou na correção histórica do Marco Teórico e que sempre esteve presente em minha vida, principalmente no que se diz sobre debates. A Ana Paula Preidum, minha amiga que sempre me apoiou no folclore e nos estudos, sempre presente em minhas apresentações e uma grande amiga.

"- Kto ty jesteś?  
- Polka mała.  
- Jaki znak twój?  
- Lilja biała.  
- Gdzie ty mieszkasz?  
- Między swemi.  
- W jakim kraju?  
- W polskiej ziemi.  
- Czem ta ziemia?  
- Mą Ojczyzną.  
- Czem zdobyta?  
- Krwią i blizną.  
- Czy ją kochasz?  
- Kocham szczerze.  
- A w co wierzysz?  
- W Polskę wierzę.  
- Coś ty dla niej?  
- Wdzięczne dziecię.  
- Coś jej winien?  
- Oddać życie."

Władysław Bełza

## RESUMO

A migração de europeus para o Brasil se deu-se desde antes a 1808 até meados da década de 1960, havendo concentração de grupos étnicos em diferentes locais do país. No caso dos imigrantes poloneses, não só Curitiba como o estado do Paraná se apresentaram como foco dessa imigração, onde houve grande desenvolvimento da cultura e do folclore em questão. Diante dessa conjuntura, a cultura polonesa permeou pelo estado e pela capital, tornando-se parte da identidade cultural do povo, sendo até hoje, representada a partir de grupos folclóricos poloneses, comunidades polonesas e organizações polônicas. A partir dessas afirmações, a presente pesquisa objetivou apresentar o folclore polonês como um produto de turismo cultural em Curitiba, sendo classificada como qualitativa, com objetivos exploratórios, na qual foram utilizadas as técnicas de pesquisa bibliográfica e de campo. Conforme os resultados da pesquisa de campo, o folclore polonês em Curitiba possui potencial turístico, mas não é desenvolvido de forma a criar atratividade aos turistas e visitantes da cidade, ainda tendo como foco um público alvo pequeno e direcionado. Como conclusão, obteve-se que a cultura polonesa faz parte da identidade cultural de Curitiba, visto que existe espaço e iniciativas para o desenvolvimento do folclore polonês na cidade, além do Bosque João Paulo II, um espaço de festas populares e celebrações tradicionais religiosas polonesas.

Palavras-Chave: Folclore Polonês; Turismo; Cultura; Imigração polonesa;

## ABSTRACT

Migration from Europe to Brazil started from before 1808 until the mid-60s, with concentration of ethnic groups in different parts of the country. In the case of Polish immigrants, not only Curitiba but the Paraná Region are presented as a focus of this immigration, where there was great development of the culture and folklore in question. Given this situation, the Polish culture permeated by the state and the capital, becoming part of the cultural identity of the people, and to these days, represented from Polish folk groups, Polish communities and Polish organizations. From these statements, this research aims to present the Polish folklore as a cultural tourism product in Curitiba, classified as qualitative, with exploratory objectives and for that was used literature and field research as a research technique. As the field research results, the Polish folklore in Curitiba has tourism potential, but is not designed to create attractiveness to tourists and visitors of the city, still focusing on a small and focused target audience. In conclusion, it was found that Polish culture is part of the cultural identity of Curitiba, although has a popular festivals development space of Polish celebrations and traditional religion Polish celebrations, Bosque John Paul II and also Polish Folk groups presenting dances and culture of corners Polish in grove events.

Keywords: Polish Folk; Tourism; Culture; Polish immigration

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1 –	POPULAÇÃO ESCRAVA NO BRASIL NO SÉCULO XIX.....	23
GRÁFICO 2 -	ENTRADA DE IMIGRANTES NO BRASIL ENTRE 1873-1876.	23
GRÁFICO 3 -	DESENVOLVIMENTO DA ENTRADA DE IMIGRANTES NO BRASIL ENTRE 1870-1890.....	24
GRÁFICO 4 –	QUANTIDADE DE IMIGRANTES POR NACIONALIDADE NO PARANÁ ATÉ 1948.....	24
GRÁFICO 5 –	QUANTIDADE DE IMIGRANTES NO BRASIL POR NACIONALIDADE DE 1884-1959.....	26
GRÁFICO 6 –	NACIONALIDADE DOS IMIGRANTES ENTRE 1884-1959.....	27
FIGURA 1 –	DISTRIBUIÇÃO DA IMIGRAÇÃO POLONESA NO PARANÁ...	28
FIGURA 2 -	WYCINANKI.....	37
FIGURA 3 –	LAMBREQUINS.....	38
FIGURA 4 –	PÊSSANKAS.....	39
FIGURA 5 –	TRAJES FOLCLÓRICOS POLONESES.....	42
FIGURA 6 –	FESTIVIDADE POLONESA NO BOSQUE DO JOÃO PAULO II	46
FIGURA 7 –	CURITIBA E REGIÃO METROPOLITANA.....	54
GRAFICO 7 –	MOTIVAÇÃO DO PÚBLICO.....	67
GRAFICO 8 –	NOTA MÉDIA DADA A UMA APRESENTAÇÃO.....	68
GRAFICO 9 –	PÚBLICO QUE COSTUMA RETORNAR A OUTRAS APRESENTAÇÕES.....	68
GRAFICO 10 –	PROCEDÊNCIA DO PÚBLICO.....	69

## LISTA DE TABELAS

QUADRO 1 –	QUANTIDADE DE IMIGRANTES NO BRASIL POR NACIONALIDADE ENTRE 1884-1933.....	17
QUADRO 2 –	COLÔNIAS DE IMIGRANTES FUNDADAS NO BRASIL NO PERÍODO COLONIAL.....	19
QUADRO 3 –	ETNIAS E LOCALIDADE.....	26
QUADRO 4 –	GRUPOS FOLCLÓRICOS POLONESES NO BRASIL.....	40
QUADRO 5 –	MATRIZ DE REPOSTAS DE CARACTERIZAÇÃO DOS GESTORES.....	53
QUADRO 6 -	GRUPOS FOLCLÓRICOS DA PESQUISA.....	55
QUADRO 7 -	MATRIZ DA SÍNTESE DOS DADOS DAS QUESTÕES ABERTAS DO QUESTIONÁRIO PARA OS GESTORES.....	60
QUADRO 8 –	MATRIZ DA SÍNTESE DOS DADOS DAS QUESTÕES ABERTAS DO QUESTIONÁRIO PARA OS FOLCLORISTAS...	65
QUADRO 9 –	MATRIZ DOS DADOS DAS QUESTÕES ABERTAS DO QUESTIONÁRIO PARA O PÚBLICO DO EVENTO.....	67
QUADRO 10 –	PONTOS NEGATIVOS CITADOS PELOS GESTORES NA ANÁLISE SWOT.....	75
QUADRO 11 –	EXEMPLO DE ORÇAMENTO DE CUSTOS DO PROJETO.....	86
QUADRO 12 –	INDICADORES DO PROJETO.....	86

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 IMIGRAÇÃO EUROPEIA PARA BRASIL, PARANÁ E CURITIBA .....</b>	<b>14</b>
<b>3 CULTURA, FOLCLORE E TURISMO.....</b>	<b>31</b>
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>48</b>
4.1 TIPO DE PESQUISA.....	48
4.2 TÉCNICAS DE PESQUISA .....	49
4.3 COLETA DE DADOS .....	52
4.4 TABULAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS .....	56
<b>5 RESULTADOS.....</b>	<b>59</b>
5.1 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS .....	59
5.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS .....	72
<b>5 REFORMULAÇÃO DOS EVENTOS DO BOSQUE JOÃO PAULO II .....</b>	<b>79</b>
6.1 DESCRIÇÃO DO PROJETO.....	79
6.2 ETAPAS PARA EXECUÇÃO DO PROJETO .....	82
6.2.1 Descrição das Etapas para a Execução do Projeto; .....	83
6.2.2 Descrição dos Recursos Humanos envolvidos em cada etapa; .....	84
6.2.3 Descrição do Orçamento e dos desembolsos por etapa; .....	85
6.2.4 Avaliação do retorno do investimento;.....	86
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>91</b>
<b>APÊNDICE 3 - QUESTIONÁRIO PARA O PÚBLICO NO EVENTO .....</b>	<b>100</b>
<b>APÊNDICE 4 - ROTEIRO DE ENTREVISTA ESTRUTURADA COM GESTORA DO BOSQUE JOÃO PAULO II .....</b>	<b>101</b>
<b>ANEXO 1 - ORGANIZAÇÕES POLÔNICAS.....</b>	<b>102</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta o folclore polonês em Curitiba como um elemento de cultura do povo e a possível movimentação do setor turístico gerado pelas atividades dos grupos folclóricos.

Sendo Curitiba uma cidade de “alma polonesa”, e o Paraná um estado com grande contingente de imigrantes poloneses, a expressão da cultura e do folclore é um meio de demonstrar a identidade da comunidade autóctone.

O folclore polonês em Curitiba surgiu a partir dos imigrantes que chegaram ao local ainda no século XIX, por consequência da conjuntura mundial da época, que gerava um fluxo migratório saindo da Europa e chegando ao Brasil. Assim, o Paraná, mais precisamente Curitiba, foi o estado que mais recebeu imigrantes oriundos da Polônia, estes que se instalaram em terras agrícolas, criaram colônias e mantiveram os costumes e cultura que ainda hoje é representada, também, por grupos folclóricos de canto e danças.

A problemática desta pesquisa envolve a falta de interação entre o folclore polonês e o turismo cultural em Curitiba, visto que hoje, existem eventos e festividades na cidade que manifestam tal cultura e que mantêm os costumes dos imigrantes poloneses com potencial turístico, entretanto, o turismo não é visto como uma forma de retomada das raízes culturais e também não é utilizado como estratégia de desenvolvimentos dos grupos folclóricos.

A partir desta problemática, estabeleceram-se as hipóteses de que:

- O folclore polonês é representado de diversas formas em Curitiba-PR
- O folclore polonês já possui relação com o turismo
- Os eventos culturais poloneses em Curitiba possuem potencial turístico
- Não existe incentivo público para o desenvolvimento do folclore em Curitiba e região metropolitana

Este Trabalho de Conclusão de Curso se justificou, portanto, pela importância da cultura polonesa, vinda através dos imigrantes, para a construção da identidade do povo curitibano, assim como a necessidade de se manter os costumes e cultura trazidos pelos poloneses para Curitiba. Logo, o seguinte trabalho traz como possibilidade o desenvolvimento do turismo cultural tendo como foco o folclore

polonês, que é desenvolvido e representado por grupos folclóricos poloneses presentes em Curitiba e Região Metropolitana.

Dessa forma, o trabalho teve como objetivo geral apresentar o folclore polonês como um produto de turismo cultural em Curitiba e para isso, serão cumpridos os seguintes objetivos específicos:

- 1) apresentar o contexto da cultura polonesa em Curitiba-PR;
- 2) identificar as formas de representação do folclore polonês ao público em Curitiba-PR; e
- 3) Criar um projeto de promoção da cultura polonesa em Curitiba-PR a partir do folclore polonês.

Este trabalho apresenta-se dividido em capítulos, sendo apresentado a partir desta introdução, mais dois capítulos teóricos sobre a imigração europeia para o Brasil, Paraná e Curitiba, que trata sobre o contexto histórico, motivações e dados das imigrações europeias para o Brasil, com enfoque no Paraná, depois Curitiba e também dando ênfase aos imigrantes poloneses. Já o segundo capítulo, sobre Cultura, Folclore e Turismo, serão tratados conceitos como cultura, folclore, patrimônio cultural imaterial, manifestações culturais, turismo étnico e turismo cultural, contextualizando a forma de se fazer turismo através da cultura étnica e do folclore.

Assim, após o marco teórico, o trabalho apresenta a metodologia, tratando o presente trabalho como uma pesquisa qualitativa, com objetivos exploratórios e utilização da pesquisa bibliográfica e de campo como técnicas de pesquisa. Assim, foram elaborados 1 entrevista semi-estruturada com a Gestora do Bosque João Paulo II e 3 modelos de questionários aplicados a três públicos diferentes no evento: os gestores dos grupos folclóricos, os folcloristas e o público presente no evento. Para essa pesquisa de campo, foi escolhido o Bosque João Paulo II como ambiente de aplicação dos questionários e da entrevista, em um evento de comemoração a padroeira da Polônia, Nossa Senhora de Częstochowa.

Ainda nos procedimentos metodológicos, foram apresentados os resultados: a descrição dos resultados da pesquisa de campo e a análise desses resultados, dando base para a criação de um projeto que visa, a partir dos grupos folclóricos existentes em Curitiba-PR, fomentar e promover a cultura polonesa, tanto para desenvolvimento dos grupos quanto do turismo cultural em Curitiba-PR.

Espera-se com esta pesquisa criar oportunidades para o desenvolvimento do turismo cultural em Curitiba a partir de um novo produto: O folclore polonês como representação da cultura dos imigrantes poloneses que se desenvolveram na região.

## 2 IMIGRAÇÃO EUROPEIA PARA BRASIL, PARANÁ E CURITIBA

Quando se diz respeito à imigração, muitas pessoas se perguntam quais os motivos que levam a uma pessoa ou um grupo de pessoas se deslocar da sua terra de origem, onde se identificam com os hábitos, geografia e história. Klein (2000, p. 13) diz que “a questão básica envolve o peso dos fatores de expulsão ou de atração e a maneira como se equilibram”. Portanto, existem fatores de variam de acordo com cada ser humano que o faz com que sinta uma pressão pela expulsão, fatores culturais e históricos e também existem fatores que atraem as pessoas de diferentes formas, como incentivos fiscais, questões climáticas e outras.

Sob esse contexto, muitos grupos étnicos saíram de suas terras natais para viverem em outras localidades e por diferentes motivos. Desta forma, durante anos, o Brasil foi um lugar que atraiu muitas pessoas de diversos países, por isso, a vinda de imigrantes europeus para o Brasil deu-se em diversos momentos da história mundial e por diversos motivos. Segundo Diégues Júnior (1964, p. 15) “o ano de 1808 deve marcar-se como o do início da imigração no Brasil”. Nesse contexto, diversas pessoas de diferentes etnias chegaram ao Brasil e criaram colônias, desenvolveram-nas e auxiliaram no processo de evolução do país com incentivos e promessas do governo.

Apesar de a imigração no Brasil iniciar-se, propriamente dita, em 1808, isso não significa que não havia imigrantes no território brasileiro antes desse período. Como afirma Diégues Júnior (1964, p. 16) “no período comumente chamado colonial – do Descobrimento a 1808 – a presença do estrangeiro no Brasil, embora esporadicamente, fez-se sentir; não havia, contudo, correntes propriamente imigratórias”.

Trindade e Andreatza (2001, p. 16) apresentam o caso do Paraná neste período no trecho “na composição e reelaboração das tradições lusitana e autóctone, foi urdida uma outra forma de viver – o modo caipira”. Essa cultura existente na região provinha da miscigenação entre o lusitano e o autóctone indígena.

Anteriormente ao ano de 1808, Seyferth (2002, p. 118-119), expõe diversos exemplos de criações de colônias de imigrantes no Brasil que foram patrocinadas

pelo governo local<sup>1</sup>, como a criação de Nova Friburgo, a partir da imigração de Suíços e a colônia de São Leopoldo, com imigrantes alemães.

Outros estrangeiros também se instalaram no Brasil no período colonial, destes, podem-se citar os franceses, que se instalaram no maranhão; os holandeses, primeiramente no norte e depois o nordeste; e os espanhóis, da região de Castela, que se locomoveram para o Sul do país (DIÉGUES JÚNIOR, 1964, p. 15-16).

Ademais, Oliveira (2002, p. 55) também discute sobre as outras etnias que vieram em menor número e cita “Os alemães [...] primeiros a vir para o Brasil para viver em colônias. [...] O sul do Brasil também recebeu italianos, russos e poloneses na década de 1850.”, além dos Japoneses, que chegaram a partir de 1908.

Dietrich, Moura e Silva (2013, p. 7) dissertam que, no sul “os grupos mais numerosos, em ordem decrescente, foram italianos, portugueses, espanhóis, alemães, japoneses e árabes”.

Apesar da presença desses estrangeiros no Brasil nos anos que antecederam 1808, a chegada da corte portuguesa no Brasil comprovou que o cenário nacional era de “pobreza e ignorância, sem indústrias, comércio escasso, costumes relaxados, administração corrupta, com uma população predominantemente negra ou mestiça” (Corrêa, 2005). Foi a, então, percebida necessidade de mudança do país, que fez com que o governo tomasse medidas favoráveis à imigração. Uma delas foi a Abertura dos Portos “que marca o início da imigração. Com a abertura dos portos, torna-se possível, e mais constante, a presença de estrangeiros na vida brasileira” (DIÉGUES JÚNIOR, 1964, p. 29).

A partir dessa indução do governo para o povoamento do país, como afirma Seyferth (2002, p. 118) “a escolha do colono ideal, porém, teve seus determinantes biológicos articulados à pressuposição da superioridade europeia, e o sistema esteve associado à imigração pelo menos até meados do século XX”. Isso explica o grande fluxo de europeus para o Estado brasileiro no século XIX.

Mesmo com a Abertura dos Portos criando condições para a vinda de imigrantes, esse movimento só se concretizou em “1819 quando chegaram os primeiros imigrantes.” (DIÉGUES JÚNIOR, 1964, p. 23). Este fato se deu devido à

---

<sup>1</sup> “cada família recebeu um lote gratuito de 77 hectares, assistência através do fornecimento de alimentos, sementes, ferramentas” (MACHADO, 1999, p. 20).

mão-de-obra europeia ainda não ser uma necessidade na agricultura brasileira, evidentemente pelo fato de que, mais tarde, ela substituiria a mão-de-obra escravocrata, que ainda era vigente no país. Portanto, a extinção da escravatura no Brasil, a partir da Lei Aurea 1888, representa o estopim da imigração para o país, tanto que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2007) passou a contabilizar a entrada e a quantidade de estrangeiros, em estudos de estatística de imigrantes, apenas após 1884.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2007, p. 226) indicam que entre 1884 e 1893, entorno de 883.668 imigrantes chegaram ao Brasil, destes, a maioria imigrou da Itália, visto que, dentre todos os emigrantes, 510.533 eram italianos, ou seja, 57,77% do total.

Entretanto, Bertonha (2013, p. 129) também discute a vinda de etnias adjuntas ao Império Austro-Húngaro, alegando que “o número de imigrantes austro-húngaros tenha sido considerável, na faixa de 80 mil indivíduos entre 1872 e 1914” sendo que a cada “cem austro-húngaros, 24 eram alemães, 20 húngaros, 13 tchecos e eslovacos, 10 poloneses, 8 ucranianos (rutênios), 6 romenos, 5 croatas, 4 sérvios, 3 eslovenos, 2 italianos e 1 bósnio, além de outras nacionalidades menores” (BERTONHA, 2013, p. 127-128).

Em relação aos Poloneses pertencentes ao Império Austro-Húngaro, Prutsch (2001, p.19 apud BERTONHA, 2013, p. 133) “afirma que cerca de 30 mil austríacos de língua polonesa (ou descendentes) e outros 40 mil rutenos viviam no Brasil (especialmente no Paraná) antes da Primeira Guerra”. Além disso, Bertonha (2013, p. 135-136) afirma que existiu, no Império Austro-Húngaro:

a permanência de algum tipo de identidade supranacional entre os imigrantes, se sobrepondo à étnica ou, no mínimo, coexistindo com ela. Já para outros povos e realidades, a situação parece estar caminhado mais para o reforço da identidade étnica, como no caso dos poloneses e ucranianos.

Abaixo, observa-se um gráfico (QUADRO 1) que o IBGE (2002, p. 226) elaborou para representar a imigração no Brasil entre os anos 1884 e 1933:

Nacionalidade	1884-1893	1894-1903	1904-1913	1914-1923	1924-1933
Alemães	22778	6698	33859	29339	61723
Espanhóis	113116	102142	224672	94779	52405
Italianos	510533	537784	196521	86320	70177
Japoneses	-	-	11868	20398	110191
Portugueses	170621	155542	384672	201252	233650
Sírios e Turcos	96	7124	45803	20400	20400
Outros	66524	42820	109222	51493	164586
Total	883668	852110	1006617	503981	717223

QUADRO 1 – QUANTIDADE DE IMIGRANTES NO BRASIL POR NACIONALIDADE ENTRE 1884-1933

FONTE: IBGE (2002, p.226)

Conforme o quadro é possível observar a evolução da imigração de algumas etnias para o Brasil, Diégues Junior (1964, p. 23) dita que:

A extinção do tráfico, a Abolição da Escravatura, as duas grandes guerras, as crises de depressão no exterior e no Brasil, são alguns desses fatos ou aspectos que devem ser considerados na caracterização da periodicidade do movimento migratório.

Um dos motivos pelos quais tais etnias estão com maior representatividade, é a teoria do branqueamento que, conforme Oliveira (2006, p. 8) foi vista como “solução para o problema do povo”, que era considerado “composto basicamente por brancos, índios, e muitos negros e mestiços” (2006, p. 8). Sendo assim, a vinda dos imigrantes europeus para o Brasil foi, muitas vezes, induzida pelo governo e incentivada por ele.

Lotti (2006, p. 248) explica que, após a proclamação da república, em 1822, havia um grande dilema na nação brasileira:

De um lado, existia a tendência de continuidade da política adotada por D. João VI, ou seja, a entrada de imigrantes destinados a núcleos de pequena propriedade, com a finalidade de colonizar. Do outro, a defesa do ingresso de estrangeiros para substituição do braço escravo, em especial nas lavouras de café

Todavia, entre os anos de 1822 e 1830, no governo imperial de Dom Pedro I seguiu o plano de Dom João VI, de colonizar o Brasil com a vinda de imigrantes europeus ou invés de trazê-los com o intuito de utilização de seus trabalhos nas lavouras (Lotti, 2006, p. 248). Porém, “a política imigratória adotada por D. Pedro I,

voltada para a implantação de núcleos coloniais, provocou uma forte reação da classe latifundiária, contrária ao financiamento da colonização.”, como argumenta Lotti (2006, p. 248-249). De fato, era desinteressante para os grandes produtores de café que a terra fosse dividida, diminuindo, assim, o número e o tamanho dos latifúndios no país, impedindo a produção em massa do café.

De toda forma, o governo brasileiro continuou incentivando a vinda de imigrantes europeus para o Brasil, como Dom João VI havia feito com os suíços na colônia de Nova Friburgo, tanto que “Em 1824, foi criada a primeira colônia alemã em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul” (MACHADO, 2003, p. 154).

Gregory (2008, p. 17) exemplifica a região sul do Brasil, explicitando que “O Sul do Brasil foi colonizado por imigrantes europeus provenientes, principalmente, da Alemanha, da Itália e da Polônia que, a partir dos anos vinte do século XIX, ocuparam áreas que a colonização portuguesa e açoriana não contemplara.”.

Os incentivos do governo para o estabelecimento dos alemães se resumiu em que “cada família recebeu um lote gratuito de 77 hectares, assistência através do fornecimento de alimentos, sementes, ferramentas” (MACHADO, 1999, p. 20).

Como a imigração de europeus para o Brasil foi um processo induzido, o fim dos incentivos fez com a vinda dessas pessoas fosse mais adiada, como explica Seyferth (2002, p. 119) “a primeira fase da colonização encerrou-se em 1830, quando a oposição parlamentar aprovou uma Lei que impedia gastos com a imigração – o que, na prática, inviabilizou o agenciamento, pois não existia um fluxo espontâneo para o Brasil”.

Como no caso da imigração no Paraná que teve início no começo do século XIX (DE OLIVEIRA, 2009, p. 1) com as etnias polonesa, alemã, ucraniana, italiana e japonesa principalmente (PARANÁ, 2015). Segundo o arquivo público de registro de imigrantes, 97.727 imigrantes desembarcaram no porto de Paranaguá, destes, 35.116 eram poloneses (De Oliveira, 2009, p. 2), ou seja, 35% dos imigrantes no Paraná eram poloneses, inclusive, o Paraná foi o estado que mais recebeu imigrantes poloneses, seguido do Rio Grande do Sul, com 32.000 imigrantes.

No entanto, outras colônias de imigrantes europeus continuaram a ser constituídas no país, como indica Gregory (2007, p. 143) abaixo (QUADRO 2):

<b>Colônia</b>	<b>Ano</b>
Santa Isabel	1847
Santa Leopoldina	1857
Nova Friburgo	1819
Petrópolis	1845
Teófilo Otoni	1847
Juiz de Fora	1852
São Jorge de Ilhéus	1818

QUADRO 2 – COLÔNIAS DE IMIGRANTES FUNDADAS NO BRASIL NO PERÍODO COLONIAL  
 FONTE: Gregory (2007, p. 143).

Tavares, Considera e Silva (1972, p. 28) também indicam que “no período 1824-1870, predominaram os contingentes alemães e, de 1870 a 1930, os italianos”. Esse fato prova que, mesmo após o fim do incentivo financeiro do governo para a vinda dos colonizadores, esses ocorridos continuaram a acontecer, mesmo em menor escala.

Após os anos de colonização, a interrupção do incentivo financeiro do governo, em 1930, e a conjuntura econômica brasileira e europeia modificaram a motivação dos imigrantes europeus. Oliveira (2002, p. 13-14) explica que:

O governo imperial subvencionava a formação de núcleos coloniais de agricultores em suas terras devolutas e em sistema de pequena propriedade, como foi o caso dos alemães no Sul e Sudeste. Porém só em meados do século começam a chegar imigrantes para suprir a carência de mão-de-obra nos cafezais paulistas, passando então a ser empregados nessa monocultura de exportação

Sabe-se também, que uma das mudanças foi a de ter o intuito de utilização da mão-de-obra dos imigrantes como substituta à mão-de-obra escrava que estava se extinguindo no Brasil após a segunda metade do século XIX, com a abolição do tráfico negreiro. Valentim (1991, p. 294-295) descreve que o tráfico negreiro teve uma “modificação de fundo no seu quadro legal, introduzida pelo tratado assinado em Novembro de 1826 pela Grã-Bretanha e o Brasil, que proibiu o comércio de negros aos súbditos brasileiros, três anos após a troca das respectivas ratificações”, o quê forçada a nova elite brasileira e ao governo a procurarem uma nova forma de suprir a necessidade de mão-de-obra.

Conforme o contexto histórico da época, além de os imigrantes serem a solução para o problema social do país, eles ainda eram visados como mão-de-obra substituta para o regime escravocrata que estava em decadência. Em uma

sociedade onde a principal economia era o Café, os grandes produtos ganharam poder no cenário nacional e constituíram uma nova burguesia, conforme explica Santos (2003, p. 7), os “empresários cafeicultores tornam-se homens de negócios, modificando, assim, o caráter estrutural da sociedade brasileira”. Portanto, essa alteração na economia brasileira gerou uma mudança de caráter social no país, o que demandou, por sua vez, medidas que cumprissem as novas necessidades da burguesia.

Prado Jr. (1994, p. 112) diz que “a abolição do tráfico africano introduz assim na evolução econômica do Brasil um elemento fundamental de dissociação” visto que nele, até então “constituía, pode-se dizer, o maior negócio brasileiro da época” (PRADO JR, 1994, p. 112).

Concisamente, devido a circunstâncias mundiais, tais como do fim do tráfico de escravos, as necessidades da nova burguesia brasileira e da revolução industrial na Europa, Silva (2002, p. 22) explica que “aquele modelo de regime escravista, fundamental para o desenvolvimento colonial anteriormente, não cabe mais”, fazendo com que a nova elite busque outro tipo de mão-de-obra que substitua aquela que era vigente.

Sinteticamente, ao fim do tráfico negreiro, ou seja da maior economia brasileira até então, o país viveu uma fase de início de novos setores econômicos e, conseqüentemente, um período financeiro abastado. Segundo Prado Jr (1994, p. 114) isso consistiu em “novas iniciativas em empresas comerciais, financeiras e industriais se sucedem ininterruptamente; todos os índices de atividade sobem de um salto”.

Aliado a isso, a Europa vivia um momento em que “quando os camponeses emanciparam-se da tutela senhorial, ficaram desligados legalmente da antiga terra. Deveriam, então, pagar, [...] mas nem sempre eles possuíam recursos para tanto” (Machado, 1999, p. 44-45).

Assim, o avanço da revolução industrial tornou o trabalho artesanal camponês antiquado e obsoleto, gerando um grupo de pessoas ociosas que se ocupavam com trabalhos temporários, como explica Marx (1982, p. 255) o “trabalhador agrícola cada vez mais dependente de meras ocupações ocasionais”. Assim, Klen (2000, p. 14-15) esclarece que:

Esse crescimento da população pressionou enormemente o setor agrícola de cada país. Para atender às crescentes demandas alimentares, começaram a mudar os métodos tradicionais de arrendamento, cultivo e produção. Os *enclosures*\* (cercados), a supressão dos tradicionais direitos de acesso à terra e outros instrumentos foram usados para a criação de unidades econômicas viáveis. Isso implicou na perda por muitos camponeses de seus direitos à terra, os quais foram forçados a trabalhar para outros. O aumento de produtividade e a crescente mecanização da agricultura européia significaram menor necessidade de mão-de-obra, exatamente num momento em que surgia um excedente de força de trabalho.

Diante dessa situação, conciliada ao novo contexto social brasileiro, a vinda dos imigrantes foi um fator que beneficiaria tanto o país de origem dos migrantes, quanto o Brasil, visto que essas viagens aliviarão a pressão de uma população ociosa que não tinha trabalho no campo europeu e também supria as necessidades de mão-de-obra e repovoamento do Brasil.

Portanto, essa conjuntura determina o motivo pelo qual a emigração em massa, para o Brasil, teve início, entretanto, representa apenas o início, visto que ao longo dos anos, a conjuntura histórica foi sendo modificada e, com isso, as motivações dos imigrantes também.

No caso do Paraná, Wachowicz (2001, p. 146) explica que entre os anos 1829 e 1847, colônias alemãs, francesas e suíças se estabeleceram em Rio Negro, Ivaí e Superagui. Ainda para Wachowicz (2001, p. 157), “a presença em território paranaense de grupos étnicos tão numerosos e das mais diversas procedências deu ao estado uma característica toda especial. Provavelmente o Paraná seja o maior *Laboratório étnico* do Brasil.”

Em prol da vinda dos imigrantes, entre 1850 e 1860, quando a elite brasileira já não acreditava na mão-de-obra escrava como forma de desenvolvimento do país, “as principais iniciativas práticas do Governo Imperial, para estimular a imigração e a colonização, serão norteadas pela concepção liberal de que o Estado deve ‘oferecer os meios’ e recursos para a iniciativa privada desenvolver este projeto” (MACHADO, 1999, p. 67). Ou seja, como anteriormente, o governo voltou a subsidiar a vinda de europeus, mas, desta vez, através de um intermediário: o próprio cafeicultor.

Para o dono da lavoura, a contratação de trabalhadores livres compensava, visto que “no início da década de 1850, e segundo a Comissão, um escravo custava cerca de 1:200\$000 réis. Pelo mesmo valor, o fazendeiro investiria em cerca de doze colonos, por um ano” (Martins, 2007, p.63). Além de que o trabalhador livre e

assalariado ainda tinha oportunidade de ter gastos e fazer compras dentro do próprio país, impulsionando cada vez mais a economia interna.

Com foco no Paraná, Diegues Júnior (1980, p. 143) ressalta a importância dos poloneses no Paraná, descrevendo que até 1892, esse grupo era contabilizado dentro das estatísticas juntamente com os grupos russos, mas que, após esse ano, “O contingente polonês cresceu muito nos quadros da imigração, espalhando-se principalmente na região Sul e, em particular, no Paraná.”.

Portanto, a conjuntura emigratória determina o motivo pelo qual a emigração em massa, no Brasil, teve início, entretanto, representa apenas o início, visto que ao longo dos anos, a conjuntura histórica foi sendo modificada e, com isso, as motivações dos imigrantes também.

Desta maneira, o imigrante europeu pareceu ser a solução do problema brasileiro de falta de trabalhadores, consolidada a partir das três leis que aboliram a escravatura no país: a Lei do Ventre Livre, que declarava livre, após os 18 ou 21 anos, os filhos de escravos que nasceram após a data da lei (BRASIL. ASSEMBLÉA GERAL, 1871); a Lei Saraiva-Cotegipe, ou lei do Sexagenário que, como dita Estrada (2005, 41) a lei, de 7 de Novembro de 1885, dá “a liberdade incondicional dos sexagenários e o direito ascratíssimo de asilo aos foragidos da escravidão”; e, por fim, a Lei Áurea, que declara, em 13 de maio de 1888, “extinta, desde a data desta lei, a escravidão no Brasil” (BRASIL. ASSEMBLÉA GERAL, 1888).

Contudo, entende-se que essas leis não geram uma abolição imediata do regime escravocrata, visto que no caso da Lei do Ventre livre, até a idade em questão, o escravo adquiria dívidas com o senhor da terra e, após a idade de libertação, deveria continuar a trabalhar no regime para pagar suas dívidas. Já na Lei do Sexagenário, poucos escravos chegavam à idade de 60 anos e, no caso dos que chegavam, estes já não estavam mais em idade produtiva, ou seja, esta lei apenas retirava a responsabilidade do senhor da terra sob tal escravo improdutivo. Por fim, na questão da Lei Aurea, entende-se que o escravo, como um bem, possuía valor e, portanto, tal valor deveria ser ressarcido de alguma forma para o proprietário.

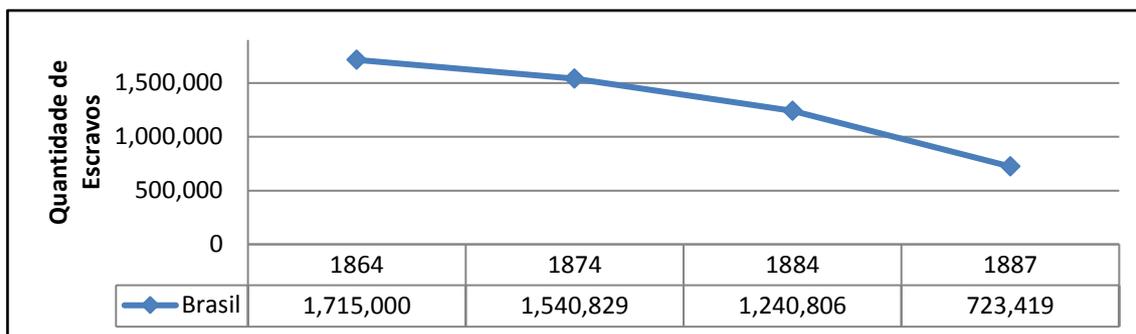


GRÁFICO 1 – POPULAÇÃO ESCRAVA NO BRASIL NO SÉCULO XIX  
 FONTE: REIS (2007, p. 91)

O gráfico (GRÁFICO 1) ilustra a população de escravos no Brasil durante os anos de 1864 e 1887, demonstrando a autêntica diminuição do número de escravos com o passar dos anos, considerando que a figura do escravo já não era mais legal, entretanto, tais trabalhadores, muitas vezes, continuavam a trabalhar nas terras que estavam antes.

Já em 1871, logo após a assinatura da Lei Do Ventre Livre, “discute-se a proposta feita pelos empresários Inácio Galvão e Francisco Pinheiro Guimarães, para a introdução de imigrantes em grande escala, um prazo de vinte anos” (MACHADO, 1999, p. 70). Isto indica que mesmo antes da abolição da escravatura por completa, a elite brasileira já procurava um meio de solucionar a carência de trabalhadores no Brasil.

No ano seguinte “em 1872, o governo central renovou contratos com introdutores de imigrantes. [...], que em quatro anos obrigava a trazer 5 mil imigrantes do norte da Europa afeitos aos trabalhos agrícolas” (GONÇALVES, 2008, p. 143). Esses imigrantes também deveriam ter boa saúde, idade inferior a 45 anos e deveria portar algum tipo de capital e, além disso, os contratos previam um cronograma específico, como apresenta Gonçalves (GRÁFICO 2):

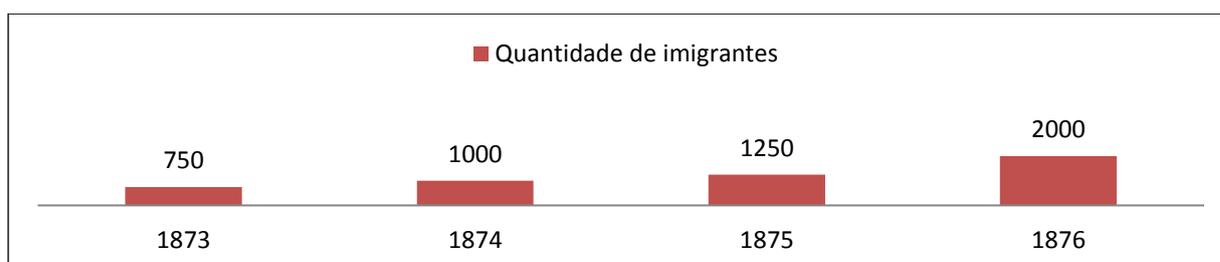


GRÁFICO 2 - ENTRADA DE IMIGRANTES NO BRASIL ENTRE 1873-1876  
 FONTE: GONÇALVES (2008, p. 143)

Conforme o passar dos anos, Santos (2003, p. 30) resume que “As manifestações favoráveis à imigração tomam força a partir da década de 1870. Mas é na década de 1880 que a política imigratória vê-se em primeiro plano no país, com a criação de hospedarias para receber os imigrantes”.

O gráfico (GRÁFICO 3) identifica o crescimento do número de imigrantes no Brasil e o desenvolvimento dessa atividade de acordo com os anos. Existe, no gráfico, a representação das consequências da crise do café no Brasil, que aconteceu na década de 70.

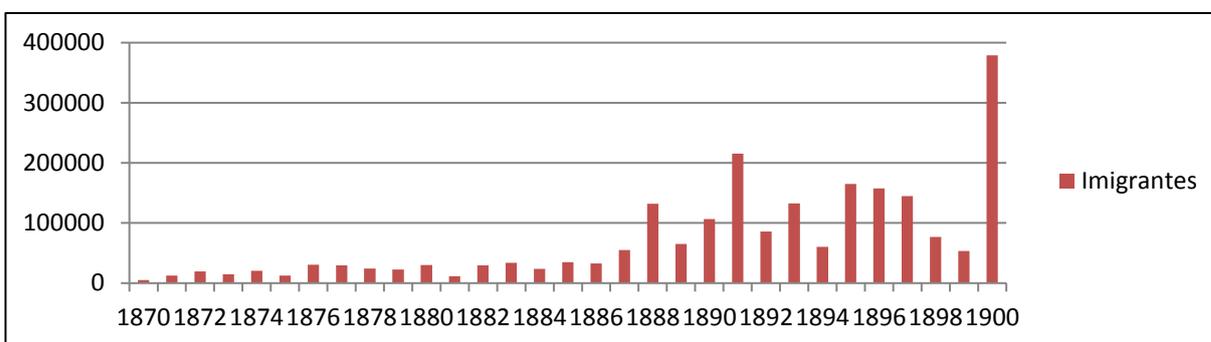


GRÁFICO 3 - DESENVOLVIMENTO DA ENTRADA DE IMIGRANTES NO BRASIL ENTRE 1870-1890

FONTE: IBGE (2007, p. 226)

Como dito anteriormente, o Brasil viveu uma crise na economia cafeeira, mas que não cabe ser discutida, neste trabalho, assim, o próximo marco importante na história imigratória se relaciona com os anos de guerra que o mundo viveu.

A seguir (GRÁFICO 4) é apresentada a quantidade de imigrantes, segundo nacionalidade, que chegaram ao estado do Paraná até 1948, representando esse período pós I e II guerras mundiais:

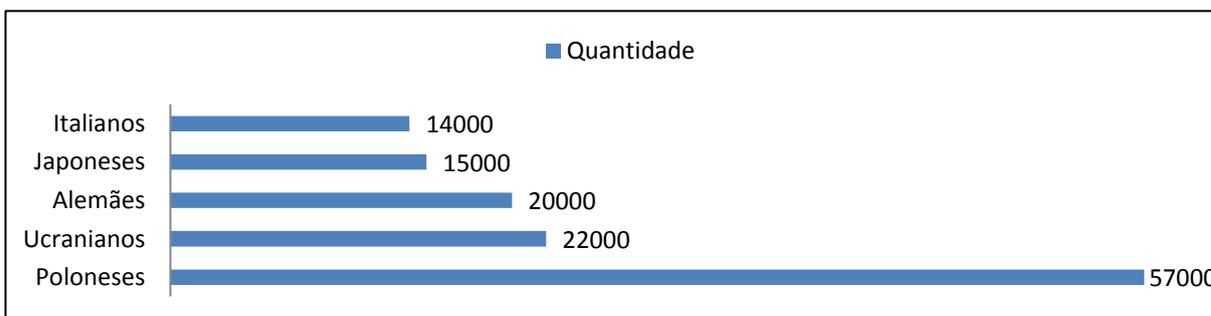


GRÁFICO 4 – QUANTIDADE DE IMIGRANTES POR NACIONALIDADE NO PARANÁ ATÉ 1948

FONTE: WACHOWICZ (2001, p. 158)

Apesar da comum ideia de que as imigrações para Brasil tiveram intensificação durante os anos das guerras mundiais, esse é um conceito equivocado, visto que, de acordo com o IBGE (2007, p. 225), no início da I Guerra Mundial, em 1914, ingressaram no Brasil, 79.232 imigrantes, sendo que esse número diminuiu ao longo dos anos da guerra, e, ao fim da guerra, em 1918, apenas 19.793 imigrantes entraram no país.

Já durante os anos da 2ª Guerra Mundial, somente 22.668 estrangeiros adentraram no Brasil, e, no último ano da guerra, 3.230 europeus chegaram ao país. E, com isso, é possível observar os efeitos da guerra, visto já em 1946, quando a Europa se reconstruía, 13.039 imigrantes se somaram aos que já viviam aqui. (IBGE, 2007, p. 225).

Assad (2012, p. 12) resume a estrutura da imigração conforme o passar do tempo explicando que:

Estima-se que entre 1870 e 1950 mais de 4,5 milhões de estrangeiros chegaram ao Brasil como imigrantes, com grandes variações de um ano a outro: por exemplo, em 1891, pós Lei Áurea em 1888, entraram no Brasil 215 mil estrangeiros; já em 1943, em plena II Guerra Mundial, esses foram pouco mais de 1.300.

Corroborando a tese anterior, Oliveira (2002, p. 22) discursa que entre os anos 1880 e 1915, regressaram no Brasil 2,5 milhões de imigrantes, e ela ainda expõe o exemplo da Itália que:

[...] até 1880 tivera um contingente insignificante de emigrantes, exporta, entre 1881 e 1914, cerca de 7,7 milhões de trabalhadores. O início da Primeira Guerra detém essa tendência, que volta a subir nos anos 1920 mas diminui sensivelmente durante a década de 1930 e a Segunda Guerra Mundial

Além disso, Oliveira também discute que “os dados sobre imigração no Brasil são esparsos, pouco sistematizados e mesmo conflitantes” (OLIVEIRA, 2002, p. 22).

A vinda de diferentes etnias para o Brasil se relaciona com o desenvolvimento da revolução industrial dos países europeus. Por exemplo, Machado (1999, p. 47) expõe que essa evolução ocorreu “na Europa do Norte (1840-1875), mais tardio e extenso na Itália (1870-1930), Espanha (1890-1960) e Portugal (1890-1980)”, causando a emigração nesses países em diferentes épocas.

Além disso, Oliveira (2006) apresenta (QUADRO 3) diferentes artigos em seu livro, indicando mais informações adicionais sobre as etnias que vieram ao Brasil e o local em que elas foram mais evidentes, conforme abaixo:

Título	Etnia	Localidade
"Os portugueses no Rio de Janeiro"	Portuguesa	Rio de Janeiro
"Os italianos em São Paulo"	Italiana	São Paulo
"Os galegos em Salvador"	Espanhola	Salvador

QUADRO 3 – ETNIAS E LOCALIDADE

FONTE: OLIVEIRA (2002)

Oliveira (2002, p. 23) também dispõe (GRÁFICO 5) que dentre os 2.158.717 imigrantes que se deslocaram para o Brasil, 4,1% eram Alemães, 13,99% eram Espanhóis, 33,96% eram Italianos, 4,47 eram Japoneses, 28,96% eram Portugueses, 2,38% eram Sírios e turcos e 12,14% eram de outras etnias.

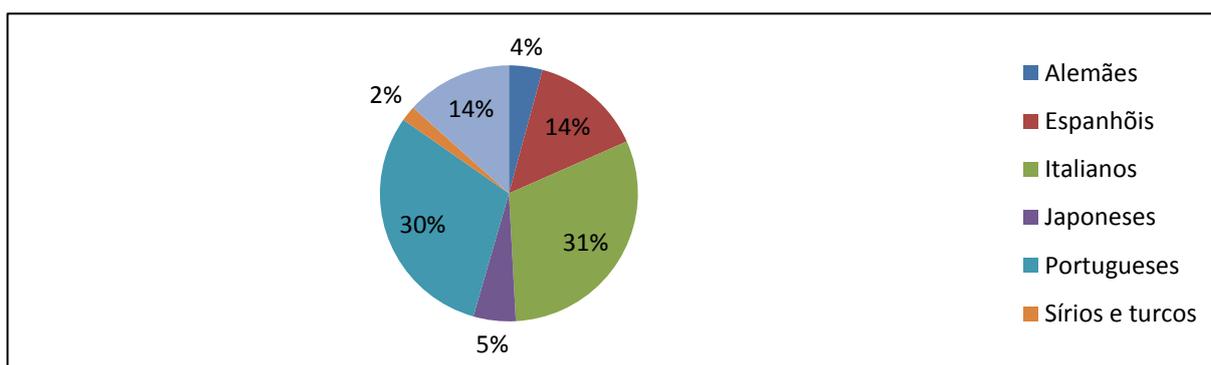


GRÁFICO 5 – QUANTIDADE DE IMIGRANTES NO BRASIL POR NACIONALIDADE DE 1884-1959

FONTE: IBGE (2007, p. 226)

O IBGE apresenta dados, (GRÁFICO 6) trazendo um panorama geral entre os anos de 1884 a 1959 da imigração no Brasil e é complementar ao gráfico seguinte, que demonstra a quantidade de imigrantes, levando em conta a etnia em diferentes períodos anuais:

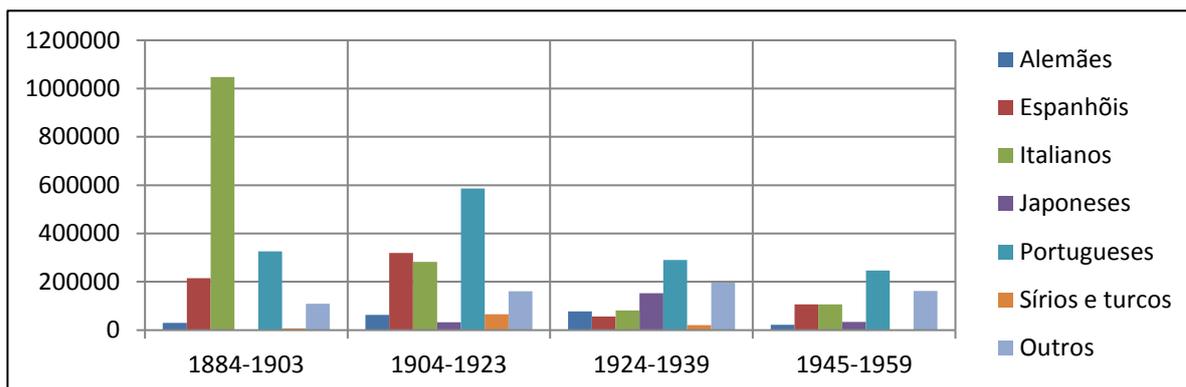


GRÁFICO 6 – NACIONALIDADE DOS IMIGRANTES ENTRE 1884-1959

Fonte: IBGE (2007, p. 226)

Neste gráfico (GRÁFICO 6), é importante observar a disparidade entre os períodos de anos, visto que, os intervalos entre os anos são, respectivamente, 19, 19, 15 e 14 anos. Todavia, ambos os gráfico, que são complementares, mostram as principais etnias emigratórias que entraram no Brasil, sendo elas: Alemã, Espanhola, italiana, japonesa, portuguesa, síria e outros.

Contudo, deve-se levar em conta de que o ambiente estudado é o Brasil como um todo, pois, se houver um estudo mais detalhado e profundo, as características e particularidades de cada região ficarão mais evidentes e exaltadas.

Diegues Júnior (1980, p. 143) também ressalta a importância dos poloneses no Paraná, descrevendo que até 1892, esse grupo era contabilizado dentro das estáticas juntamente com os grupos russos, mas que, após esse ano, “O contingente polonês cresceu muito nos quadros da imigração, espalhando-se principalmente na região Sul e, em particular, no Paraná.”.

Já Malczewski (2008, p. 136-142) apresenta um levantamento das organizações polônicas no Brasil (ANEXO 1) com o seguinte resultado: das 31 organizações, o Rio Grande do Sul e Santa Catarina abrigam 8 cada uma, o Paraná possui 10, São Paulo e Rio de Janeiro apresentam 2 cada um e o Espírito Santo com 1 organização.

Tais dados representam, a organização das comunidades polonesas no Brasil, portanto, assim pode-se imaginar que quanto maior a comunidade, mas organizações existem, o que torna o Paraná o estado com maior representatividade de poloneses no Brasil, como já dito antes.

Reis e Silveira (2012, p. 9) apresentam um mapa (FIGURA 1) representando a distribuição da imigração polonesa no Paraná através dos pontos assinalados na ilustração:

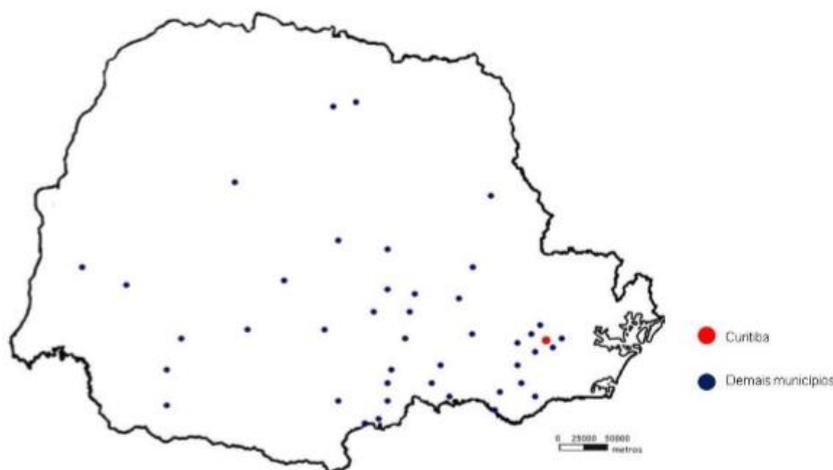


FIGURA 1 – DISTRIBUIÇÃO DA IMIGRAÇÃO POLONESA NO PARANÁ  
 FONTE: REIS E SILVEIRA (2012, p. 9)

A partir dos dados apresentados é possível afirmar que a comunidade polonesa é a mais representativa numericamente no Paraná. Sendo assim, Gregory (2008, p. 37) complementa os dados de Wachowicz, expondo que:

O grupo polonês, de 28000 imigrantes, no século XIX, e de 27000, no século XX, formou as Colônias de Pilarzinho e Abranches, nas proximidades de Curitiba, e as Colônias mais ao Sul do Estado: Orleans, Santa Cândida, Malet, Irati, Ivaí, São Mateus e outras

Um grupo de imigrantes poloneses acabou “instalando-se no bairro do Pilarzinho. Fixaram-se também em São Mateus do Sul, Rio Claro, Mallet, Cruz Machado, Ivaí, Reserva e Irati. Em Curitiba, fundaram várias colônias que hoje são, por exemplo, os bairros de Santa Cândida e Abranches.” (REIS e SILVEIRA, 2012, p. 6)

Apesar de haverem outros polos e colônias de imigrantes poloneses, Curitiba se destaca pelo grande número de pessoas que se instalaram. Wachowicz (1976, p. 13) explica que esse fato ocorre por motivos históricos: apesar de os imigrantes terem sido levados para colônias polonesas já estabelecidas em Santa Catarina:

A maioria negou-se a ocupar os lotes nessas colônias, afirmando que haviam vindo para o Brasil a fim de se estabelecerem no Paraná e para lá é que desejavam ir. [...] Muitas dessas famílias tinham seus parentes nesta cidade [Curitiba], aos quais desejavam reunir-se. O novo Presidente do Paraná, Francisco José Cardoso de Araújo Abranches, sem mais delongas mandou transportá-los para Curitiba.

No sentido cultural da herança polonesa, Buchmann (1995, p. 38) expressa que “a presença cultural dos poloneses em Curitiba tem inspirado em especial os artistas locais, talvez por serem os artistas os que intuem primeiro as profundezas da ‘alma’ e Curitiba tem alma polonesa.”. E esta tese é comprovada com um poema de Paulo Leminski, um poeta curitibano, e que diz:

“meu coração de polaco voltou  
coração que meu avô  
trouxe de longe pra mim  
um coração esmagado  
um coração pisoteado  
um coração de poeta”  
(Paulo Leminski, 2013, p. 75)

Conforme o número de poloneses crescia no Paraná, foram sendo criadas colônias, onde os poloneses viviam juntos mantinham a sua cultura, isto é, os costumes e tradições ainda eram realizados com frequência. Assim, as comemorações de páscoa, natal, casamentos, aniversários e etc. continuam a seguir o roteiro original polonês.

Holtman e Johansen (2014, p. 13-14) apontam que ao chegarem ao Brasil, os poloneses preferiram o interior ao ambiente urbano, pois assim,

[...] longe de outras influências, podiam construir suas casas e produzir seu alimento conforme seus conhecimentos ou rezar e cantar em sua língua materna. Mantinham, assim, sua cultura viva, passando-a para as novas gerações, ou seja, brasileiros com descendência polonesa.

Dessa forma é possível observar o modo como os poloneses viviam em suas novas terras e o modo como mantinham sua cultura viva. Oliveira (2009, p. 3) comenta que uma das formas dos imigrantes manterem a cultura viva foi a primeira escola polonesa no Brasil foi criada em 8 de outubro de 1876[...]. Outras escolas

foram fundadas ainda neste final do século XIX e no começo do século XX, expandindo consideravelmente a rede”.

Entretanto, “as escolas não foram as únicas formas de organização social existentes. Desde a última década do século XIX, grupos de imigrantes organizaram jornais e associações culturais, algumas delas com atividades esportivas e educacionais.” (OLIVEIRA, 2009, p. 4)

Assim, apesar das consequências das políticas contra iniciativas estrangeiras no Brasil durante a Era Vargas, como por exemplo, o não mantimento da língua polonesa para as próximas gerações, Vitonski (2011, p. 149-150) afirma que “para ele, há uma busca constante dos polono-brasileiros de se resgatar a identidade perante a sociedade”

Por fim, observar-se que a relevante vinda dos imigrantes poloneses para o Brasil e principalmente Curitiba/PR aconteceu sob um contexto histórico conturbado. Considerando que esse migrantes trouxeram consigo legados culturais e modos de vida, entende-se que esse fenômeno social influenciou na cultural local e elementos trazidos pelos imigrantes foram absorvidos pelos moradores locais e se permeiam até hoje.

### 3 CULTURA, FOLCLORE E TURISMO

A cultura está presente na vida cotidiana de um povo, independente de quantidade de etnias que se intersectam em um local, cada uma delas busca manter seus costumes e modo de vida, assim acontece com o folclore, visto que ele é parte da cultura e o turismo se apropria desses elementos como formas de atrair visitantes que estão interessados em conhecer sobre determinada cultura. Da Matta (1986, p. 2) define que “cultura é, em Antropologia Social e Sociologia, um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas.”. Quando a cultura se torna uma representação, ela pode se tornar um atrativo turístico cultural.

Laraia (2002, p. 25) comenta sobre o significado da palavra cultura que “no final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico *Kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade”. Outro conceito em torno da palavra é que “Kultur define uma esfera caracterizada por valores éticos, estéticos e políticos, um estilo de vida pessoal, um universal espiritual ‘interior’, ‘natural’, ‘orgânico” (LÖWY, 1998, p.42 apud ARENANI, 2008, p.38). Enquanto Schilling (2008, p. 3) sintetiza que “a cultura é a representação de um povo” e Santos (2001, p. 43) “o conjunto de modos de ser, viver, pensar e falar de uma dada formação social”.

Todavia, conceituar este termo é tarefa difícil: Eagleton (1943, p. 9) explica que “‘Cultura’ é considerada uma das duas ou três palavras mais complexas de nossa língua, e ao termo que é por vezes considerado seu oposto – ‘natureza’ – é comumente conferida a honra de ser o mais complexo de todos”. Tal conceito é de tal complexidade que Loiola e Miguez (2007, p. 6) afirmam que:

além da sociologia e da antropologia, áreas classicamente dedicadas à problemática, também avançam nesta direção os estudos comunicacionais, a ciência política, a história, a geografia, a crítica literária e, em anos mais recentes, a economia e a gestão

O conceito de cultura é de tal abrangência que existem estudos apontando os diversos entendimentos ao longo do tempo. Velho e Castro (1980, p. 18), por exemplo, apresentam a diferença entre os conceitos de cultura erudita e cultura popular, para os autores, a primeira é definida como “mais sofisticada, tendo como

foco as principais contribuições e realizações da sociedade em suas formas mais refinadas e de maior valor estético e criativo” enquanto a cultura popular é dita como “mais rústica, menos cosmopolita, e de valor até duvidoso [...] mais autêntica, mais pura, principalmente quando tida por intocada e não contaminada”.

Para Burke (1989, p. 7) “‘cultura’ é uma palavra imprecisa [...] quanto a cultura popular, talvez seja melhor de início defini-la negativamente como uma cultura não oficial, a cultura da não elite, das ‘classes subalternas’” e ele ainda tem sua teoria complementada por Abreu (2003, p. 1) que conceitua a cultura popular como “algo que vem do povo, ninguém sabe defini-lo muito bem”. Por fim, Montejano apud Grechinsk e Cardozo (2008, p. 363) apontam que o consumidor de turismo cultural “busca informações, conhecimentos, interação com outras pessoas, comunidades e lugares, degustação da gastronomia de uma localidade, o artesanato, participação das festas folclóricas e visitas a locais históricos.”

Como uma forma de cultura popular, o folclore se insere nesse contexto a partir do momento em que é construído pelo povo. Para Benjamin (2008, p.1) “a palavra folclore, grafada inicialmente *folk-lore* fora formada a partir das velhas raízes saxônicas em que *folk* significa povo e *lore* saber. Assim, segundo o seu criador, a nova palavra significaria sabedoria do povo”, conforme corrobora Abreu (2003, p. 4), informando que:

As pesquisas e obras publicadas pelos folcloristas, ao longo do século XIX, construiriam a idéia de um “povo” portador de práticas e objetos culturais distantes do estrangeirismo das classes ditas superiores, e, por isso, depositário do que era o mais autêntico e essencialmente nacional

Já Brandão (1982, p. 28) diz que “alguns estudiosos do assunto sugeriram que folclore (com minúscula) significasse modos de saber do povo e Folclore (com maiúscula), o saber erudito que estuda aquele saber popular”.

Assim, tem-se o folclore como elemento de mantimento da cultura de um povo, uma vez que “o conceito de folclore emergiu no fim do século dezoito como parte de uma visão unificada de linguagem, cultura, literatura, e ideologia”<sup>2</sup> (BAUMAN, 1992, p. 29, tradução nossa).

Para complementar a Comissão Nacional de Folclore (1995, p. 1) define folclore como “o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas

---

<sup>2</sup> “The concept of folklore emerged in the late eighteenth century as part of a unified vision of language, CULTURE, literature, and ideology” (Bauman, 1992, p. 29)

suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social”, além de alegar que “sendo parte integrante da cultura nacional, as manifestações do folclore são equiparadas às demais formas de expressão cultural”.

Dessa maneira, tem-se o folclore como uma forma de manifestação cultural, esta que Calabre (2007, p. 16) considera a “necessidade de tratamento das manifestações culturais como parte do patrimônio de um povo”. Coelho (1980, p. 5) também apresenta que as manifestações culturais podem ser classificadas como “superior, média e de massa”, sendo que as superiores são as eruditas, as de massa estão relacionadas a meio do cotidiano, ou seja, sabedoria popular e, por fim, as médias são as que estão entre a popular e a superior. Além disso, Meneses (2004, p.) ressalta a importância das manifestações culturais como “cada manifestação cultural é rica o suficiente para possibilitar várias interpretações distintas e não uniformizadas e que são estimuladas por novos intérpretes e novas visões”

Relacionado ao conceito de cultura e folclore, o conceito de patrimônio cultural traz uma concretização ao primeiro conceito. Ou seja, “se deixou de reduzir o patrimônio a objeto material e monumental, para se ter em conta os bens culturais imateriais e a vida social à volta do objeto” (PÉREZ, 2003, p. 232). Complementando, Veloso (2006, p. 438) discursa que “o patrimônio cultural, tanto o material quanto o imaterial, extrai sua singularidade por expressar ‘marcas de distinção’ que, por sua vez, remetem a situações específicas vividas por uma determinada comunidade”, o que faz com que os elementos tomados como marcas tornem-se parte da cultura e da identidade de um povo.

Por seguinte, Fonseca (2001, p. 112) entende que o folclore, como um patrimônio cultural imaterial, necessita ser preservado:

Entretanto, o cumprimento do preceito constitucional implica regulamentação no que diz respeito à preservação dos bens culturais de natureza imaterial, para os quais instrumentos de proteção de caráter restritivo, como é o tombamento, são inadequados. É preciso criar formas de identificação e de apoio que, sem tolher ou congelar essas manifestações culturais, nem aprisioná-las a valores discutíveis como o de autenticidade, favoreçam sua continuidade

Desta forma, Veloso (2006, p. 348) também apresenta que “as manifestações do patrimônio imaterial – celebrações, rituais, conjunto de saberes e

fazerem, entre outras –, corporificam sentidos e valores coletivos que ensejam sentimentos de pertencimento dos indivíduos a um determinado grupo”, evidenciando que o folclore, a partir das representações de celebrações, rituais e outros, se caracteriza como parte do patrimônio cultural imaterial de um povo. Carvalho (2009, p. 10) também define o patrimônio cultural imaterial como:

[...] um conjunto diverso de expressões e tradições que as comunidades e os grupos vão transmitindo de geração em geração, recriando-as ao sabor dos tempos. Trata-se de um patrimônio vivo que se vai expressando através da música, da dança, da oralidade, do teatro e dos objectos

Assim como Cabral (2011, p. 7) define que o patrimônio cultural imaterial:

é porventura, de todos os patrimónios, o mais difícil de explicar. Todos nós convivemos com ele no dia a dia, pratima-lo quase sem pensar, procuramo-lo em datas pré-estabelecidas e nos momentos de lazer, sentimos que faz parte das nossas vidas e memórias, mas quando tentamos defini-lo, determinar porque é importante para nós ou descrever as emoções que em nós suscita, faltam-nos as palavras, baralham-se os conceitos, fica um sentimento vago de familiaridade e de recordações difícil de expressar e transmitir. De fato é mais fácil viver e sentir o património cultural imaterial do que falar sobre ele.

Além disso, Carvalho (2009, p. 19) ainda enquadra juridicamente o folclore como um elemento do Patrimônio Cultural Imaterial em “as primeiras reflexões situam-se a partir de 1950, sobretudo no que se refere à questão dos direitos de autor na sua aplicação ao que então se designava ‘folclore’ e ‘cultura tradicional’”. Entende-se, portanto, a relação entre o patrimônio cultural imaterial, o folclore e as manifestações culturais como representação da cultura tradicional de um povo.

Como complemento, Veloso (2006, p. 443-444) também afirma que a valorização do patrimônio cultural imaterial “pode ensejar o fortalecimento do espaço público, espaço privilegiado onde múltiplos grupos sociais e suas manifestações culturais e identitárias podem ser reconhecidos como representações legítimas da cultura”

Além disso, o patrimônio cultural imaterial se apresenta com tal importância que existem mecanismos de proteção a patrimônios culturais imateriais como forma de preservação destes. Sendo assim, o registro de elementos no Livro de Expressões e no de “Saberes” “constitui importante instrumento legal de

preservação do nosso patrimônio cultural imaterial” (PELEGRINI, 2008, p. 148), uma vez que preza pela continuidade das manifestações geridas pelo próprio povo.

Vasconcelos (2001, p. 399) considera que “a engrenagem da exibição das danças folclóricas é tão cultural como as danças que se exibem’ e que, na medida em que ‘ambas são cultura, cultura moderna, são ambas passíveis de análise antropológica’”. Desta maneira, é possível observar a relevância de dança folclórica dentro da cultura de uma etnia, reforçando sua identidade cultural, esta que Hall (2006 p. 12) defende como sendo “no mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em unia das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou galeses ou indianos ou jamaicanos”, ou seja, a identidade cultural está ligada diretamente às culturas nacionais. Sendo assim, pessoas “pertencentes a uma etnia partilham da mesma visão de mundo, de uma organização social própria, apresentam manifestações culturais que lhe são características” (Brasil, 1997, p.13).

Benjamin (2004, p. 73) corrobora, dizendo que “rituais, folguedos e danças são manifestações folclóricas e, como tais, são de natureza comunitária. Em alguns casos, se constituíram pela vivência de populações de diversas origens étnicas que trouxeram as matrizes dos seus lugares de origem”.

Como já é de conhecimento comum, o Brasil é um país onde existe uma grande diversidade de etnias e, sendo assim, ele torna-se um país rico em diversidade. Deste modo, no Brasil “os traços culturais não configuravam de modo algum um conjunto harmonioso que uniria os habitantes, comungando nas mesmas visões do mundo e da sociedade, nas mesmas formas de orientar seus comportamentos” (QUEIROZ, 1989, p. 30), ou seja, o Brasil é um país de grande heterogeneidade cultural.

Voltando ao âmbito do folclore, não é diferente quando se fala em folclore polonês, que possui suas especificidades étnicas e uma identidade cultural, assim como outros folclores e outras culturas. Para Schilling (2010, p. 8) “era por meio da religião e da educação que os imigrantes poloneses mantinham a tradição e, ao mesmo tempo, o fortalecimento cultural, com as atividades de teatro, canto e dança”. Assim, a cultura polonesa era mantida entre os imigrantes, que continuavam a praticar as danças, os cantos, teatros e outras manifestações culturais.

É evidente que o indivíduo carrega, junto a si, uma carga cultural que não pode ser esquecida ou excluída, conforme Cardozo (2006, p. 144) explicando em

“as reflexões sobre etnicidade que extrapolam o autoctonismo, encaminham a outro delineamento, não menos profundo: o fluxo de pessoas”.

Assim, no contexto da imigração, sendo que esta é um movimento constituído pelo povo e caracterizado pelo fluxo de pessoas, a cultura trazida de outros países tinha possibilidades de conservação, visto que, como explica Weber (2006, p. 238):

O imigrante constitui-se num personagem, passível de mudanças no terreno econômico (desenvolvimento dos ramos das atividades a que passa a se dedicar), político (maior presença em cargos de representação política) e social (institucionalização de entidades associativas e de datas comemorativas próprias do grupo), mas mantendo traços culturais específicos.

Pode-se perceber as características da cultura polonesa na paisagem por onde os imigrantes passaram, sendo assim, “a etnia polonesa simpatizante dos lambrequins, casas com varandas, tonalidades de cores vibrantes” (Foetsch, 2007, p. 64) apresentaram sua identidade cultural ao chegarem ao Brasil, algo que é percebido até hoje, como uma herança. Alguns elementos culturais materiais e imateriais poloneses são lembrados e ainda podem ser encontrados entre os descendentes dos imigrantes, como por exemplo, “o trabalho de carpintaria e marcenaria do colono polonês foi muito admirado devido à riqueza de detalhes e acabamentos dos artefatos produzidos” (NALEPA, 2012, p. 26).

Também como forma de artesanato, os poloneses trouxeram consigo a tradição do “artesanato típico, como o Wycinanki (que consiste em recortes e colagens de papéis coloridos, criando delicadas composições)” (HOLTMAN; JOHANSEN, 2014, p. 16) e que pode ser observado a seguir (FIGURA 2):



FIGURA 2 - WYCINANKI

Fonte: WYCINANKI - A ARTE DE EMÍLIA PIASKOWSKI<sup>3</sup>

Quanto aos lambrequins (FIGURA 3), estes são outro elemento cultural promovido pelos poloneses, segundo Ferreira (2011, p. 8) “Quando vemos os ‘lambrequins’, vemos a colonização ou a arquitetura características das primeiras moradas paranaenses”.

---

<sup>3</sup> Disponível em <http://wycinanki-arte-polonesa.blogspot.com.br/>



FIGURA 3 – LAMBREQUINS  
FONTE: MALCZEWSKI (2008, p. 24)

Outro elemento bastante comum na cultura polonesa é pêsanka (FIGURA 4), que faz parte da tradição polonesa e ucraniana na qual se conserva “o hábito de confeccionar as pêsankas e consumi-las no Domingo de Páscoa, durante o café da manhã e de presenteá-las a vizinhos, parentes e amigos” (STEFFEN, 2008, p. 903).



FIGURA 4 – PÊSSANKAS  
FONTE: A Autora (2016)

Como é possível observar, os poloneses acrescentaram a cultura brasileira com elementos da cultura material, mas também fizeram com que seus patrimônios culturais imateriais fossem promovidos nas colônias em que viviam. Hoje, também dentre as heranças deixadas pelos imigrantes poloneses no Brasil, a representação de parte do folclore pode ser observado através dos grupos folclóricos. Segundo a Associação Inter-Étnica do Paraná (2016):

Os grupos folclóricos surgiram no Paraná pela necessidade que os imigrantes e seus descendentes tinham de resgatar a cultura de seu país de origem. Através da preservação dos costumes pelas gerações mais novas, os grupos folclóricos do Paraná [...] transmitem a cultura de seu povo, incentivando também à valorização de seu folclore.

Malczewski (2008, p.305-306) realizou o levantamento de todos os grupos folclóricos poloneses no Brasil (QUADRO 4), os quais estão enquadrados a seguir:

<b>Nome do Grupo</b>	<b>Localidade</b>	<b>Estado</b>
Águia Branca	Águia Branca	ES
Águia Branca	Guarani das Missões	RS
Auresóvia	Áurea	RS
Biały Domek	Campo Alegre	SC
Dolina	Irati	PR
Góry	Carlos Gomes	RS
Hercílio Malinowski	São Bento do Sul, Mato Preto	SC
Jagoda	Quedas do Iguazu	PR
Junak	Curitiba	PR
Jupem	Erechim	RS
Jopol	Porto Alegre	RS
Kalina	Nova Prata	RS
Karolinka	Barão de Cotegipe	ES
Karolinka	São Mateus do Sul	PR
Krakowiak	Mariana Pimentel	RS
Krakus	Ijuí	RS
Krenski	Curitiba	PR
Lajkonik	Entre Rios do Oeste	PR
Lublin	Irati	PR
Maximiliano Kolbe	São Bento do Sul, Rio Vermelho Estação	SC
Mazury	Mallet	PR
Niezapominajka	Campo do Tenente	PR
Orzeł Biały	Criciúma	SC
Orzeł Biały	Santo Antônio do Palma	RS
Polônia	Porto Alegre	RS
Recordação	Nova Erechim	SC
Solidarność	Dom Feliciano	RS
Serce polskie	Guarapuava	PR
Szarotka	Balsa Nova	PR
Tęknota	Cruz Machado	PR
Wawel	São José dos Pinhais	PR
Wasoły Dom	Araucária	PR
Więzy Polskie	Itaiópolis	SC
Wielkopolska	Canoas	RS
Wiosna	Campo Largo	PR
Wiosna	Ribeirão Pires	SP
Wisła	Curitiba	PR
Zielony Gaik	São Bento do Sul	SC

QUADRO 4 – GRUPOS FOLCLÓRICOS POLONESES NO BRASIL

FONTE: Malczewski (2008, p.305-306)

Estes grupos folclóricos, responsáveis por representar parte da cultural polonesa, se dispersam mais no Sul do Brasil, com raros casos São Paulo e Espírito Santo. Para Kaeppler (1992, p.197, tradução nossa), as danças têm significado que ultrapassa o sentido estético. Para a autora, “as formas culturais produzidas, embora

transitórias, estruturaram um conteúdo que transmite um significado, é uma manifestação visual de relações sociais e pode ser objeto de um sistema de estética elaborada”<sup>4</sup> (KEAPPLER, 1992, p. 197). Enninger (1992, p. 219, tradução nossa) ainda complementa que os trajes “assim como a linguagem, o sistema de sinal de ‘trajes’ faz parte do conhecimento adquirido compartilhado por membros de unidades sociais”<sup>5</sup>, ou seja, a vestimenta se relaciona com a cultura, assim como a dança.

No folclore polonês, a vestimenta e os trajes são bastante característicos (FIGURA 5), apesar de que cada região da Polônia utiliza diferentes elementos culturais e, conseqüentemente, os trajes folclóricos variam de acordo com a localidade, conforme a imagem abaixo que apresenta os trajes das seguintes regiões: Łowicz, Opoczno, Sannicki, Sieradz, Podlasie, Kujawy, Lublin, lubuskie, wilanow, warmińsko-mazurskie e Kaszuby.

---

<sup>4</sup> “The cultural form produced, though transient, has structured content that conveys meaning, is a visual manifestation of social relations, and may be the subject of an elaborate aesthetic system” (ENNINGER, 1992, p. 197)

<sup>5</sup> “Like language, the signal system *clothing* is part of the acquired knowledge shared by members of social units” (ENNINGER, 1992, p. 219)



FIGURA 5 – TRAJES FOLCLÓRICOS POLONESES  
 FONTE: *PINTEREST*<sup>6</sup>

Consequentemente, a dança apresenta seu importante papel na manifestação cultural do patrimônio imaterial de uma etnia, visto que significa, além da representação estética de trajes e adereços, as relações sociais de uma etnia.

Todo tipo de manifestação cultural espontânea, ou seja, quando não é teatralizada, pode tornar-se um produto cultural turístico. Santos e Gabrielli (2014, p. 5) explanam sobre a teatralização da cultura, discutindo sobre a relevância desse artifício para a conservação de elementos culturais:

Em que medida a adaptação de formas artísticas tradicionais para o consumo turístico implica em perda de importantes formas de expressão comunitária? Em todos os lugares em que o turismo se apresente o risco seria o mesmo para cada manifestação encontrada pela massa? O que a

<sup>6</sup> Disponível em <<https://www.pinterest.com/cicilalvise/clothes-and-hair/>>

UNESCO entende como “efeito deformante”, aparentemente, encontra paralelo com o que alguns autores da literatura sobre Antropologia do Turismo<sup>7</sup> chamam de “teatralização da cultura”, artifício não necessariamente recriminável, uma vez que, contemporaneamente, diversos agentes sociais se utilizam do turismo para sua sobrevivência, ou para a sobrevivência de sua renovada forma de expressão.

Sendo o turismo um produto que necessita de infraestrutura e atrativos turísticos, “a relação existente entre cultura e turismo é visivelmente notada quando o turismo se apropria das manifestações culturais, da arte, dos artefatos da cultura” (BATISTA, 2005, p. 30). Assim, tem-se a relação entre a atividade turística e o produto cultural do folclore: o turismo cultural.

Para Tomazzoni (2008, p. 2), o turismo cultural é desenvolvido e “por meio das manifestações e expressões culturais (costumes, tradições, hábitos, arte, arquitetura) potencializam-se os atrativos turísticos”.

Batista (2005, p. 32) também traz mais a fundo a forma como o turismo cultural se apropria dos elementos folclóricos de um povo:

outros elementos são apropriados pelo turismo cultural com a intenção de promover o próprio e a comunidade local, como: a música, dança, artesanato, gastronomia típica, folclore, agricultura tradicional, manifestações religiosas, a história da comunidade, etc.

Outra visão é dada por Moletta (1998, p. 9-10) que complementa sintetizando que o turismo cultural “caracteriza-se, também, pela motivação do turista em conhecer regiões onde o seu alicerce está baseado na história de um determinado povo, nas suas tradições e nas suas manifestações culturais, históricas e religiosas”. Resumindo, “o turismo cultural seria um tipo de viagem por motivos unicamente culturais e educativos” (PÉREZ, 2009, p. 109).

Apesar de o turismo, como uma atividade que se apropria de bens culturais materiais e imateriais, ser bastante criticado quanto aos impactos causados às comunidades, Barreto (2003, p. 22) afirma que “a literatura científica também demonstra a revitalização do patrimônio cultural material e imaterial graças ao turismo”, sendo assim, é evidente que o turismo pode ser utilizado de forma a consolidar, fortificar e fomentar a cultural étnica e os bens culturais imateriais de um povo.

Pérez (2009, p. 120) também caracteriza os atrativos incorporados pelo turismo cultural como:

o turismo cultural é entendido como um tipo de turismo 'experencial' através do qual os turistas contactam com produções culturais (ex.: artes visuais, artes manuais, festivais, festividades) e com património cultural (sítios históricos, paisagens, arquitecturas, "bens patrimoniais imateriais").

A Organização Mundial de Turismo (2004) também se ocupou em caracterizar o turismo cultural como:

[...] movimentos de pessoas em busca de motivações essencialmente culturais, tais como excursões de estudo, teatralizações e excursões culturais, viagens para festivais e outros eventos culturais, visitas a localidades e monumentos, viagens para estudar a natureza, folclore ou arte e peregrinações

Desta maneira, é possível traçar uma ligação entre o folclore e o turismo cultural, observando que o folclore possui atratividade ou potencial para tornar-se um produto de turismo cultural.

Como produto cultural, o folclore, estando inserido dentro de uma cultura étnica, também possui características relacionadas aos conceitos de etnicidade e turismo. Desta maneira, Cardozo (2006, p. 145) introduz que "as (re) construções étnicas têm atentado o interesse do Turismo, por possibilitar mostrar ao visitante aspectos culturais distintos do seu cotidiano próprio, sem necessariamente recorrer a longos deslocamentos."

Como complemento, Cardozo (2006, p. 145) também sintetiza os produtos turísticos dos grupos étnicos, sinalizando que "os produtos culturais dos grupos étnicos que exerceriam poder de atração de turistas seriam aquelas que mais fortemente expressariam identidades" e ainda apontando os seguintes itens como exemplo:

- Arquitetura;
- Artesanato;
- Festividades;
- Gastronomia;
- Vestimenta;
- Dança e música;
- Outras manifestações relacionadas ao dia-a-dia de grupo.

Como visto anteriormente, o folclore se apropria de alguns desses itens, como a vestimenta, dança e música, assim, havendo potencial de desenvolvimento turístico.

Em Curitiba não poderia ser diferente, visto que a cidade se apresenta como um dos maiores polos étnicos do Brasil, tendo, assim, potencial para desenvolvimento desse tipo de turismo. O Instituto Municipal de Turismo de Curitiba (2016) demonstra a importância das diferentes culturas na cidade, expondo que os imigrantes que aqui chegaram, deixaram um legado:

seus modos de ser e de fazer se incorporaram de tal maneira à cidade que hoje são bem curitibanas festas cívicas e religiosas diversas etnias, dança, música, de culinária, expressões e a memória dos antepassados. Esta é representada nos diversos memoriais da imigração, em espaços públicos como parques e bosques municipais.

Um exemplo desse potencial é o Festival de Etnias do Paraná, “evento que ocorre anualmente de modo quase ininterrupto, desde 1958, e que reúne grupos folclóricos em apresentações de dança, canto e música” (KÖHLER, 2014, p. 1), como sede das apresentações, o Teatro Guaíra.

Outro exemplo encontrado na cidade de Curitiba é o Bosque João Paulo II, criado em homenagem a vinda do Papa polonês à cidade. Malczewski (2008, p. 146) comenta sobre o bosque que:

[...] o parque polonês transformou-se num local de eventos culturais e religiosos da comunidade polônica, dos quais participam não apenas os poloneses e seus descendentes, mas também grande número de brasileiros locais. Os eventos organizados no parque foram incluídos no calendário turístico oficial do estado do Paraná.

Dentre as festividades que ali acontecem, estão inclusos: “a benção dos alimentos no Sábado de Aleluia, exposição de ovos de páscoa, solenidades religiosos-culturais por ocasião da festa de Nossa Senhora de Czestochowa (agosto)” (MALCZEWSKI, 2008, p. 146) e outros eventos culturais poloneses.

Na paisagem do Bosque João Paulo II (ANEXO 2) “encontram-se 7 casas típicas polonesas em forma de aldeia, construídas no início da colonização polonesa na região de Curitiba por volta de 1878, e remontadas no bosque” (CURITIBA, 2016). O Bosque João Paulo II, como um ambiente criado em homenagem a cultura polonesa incorpora diversos elementos da cultura, ainda mais no que se diz respeito

a festas caracterizadas por “muita música e folclore dos descendentes que, vestidos nos floridos trajes típicos do país, se apresentam nas comemorações” (CURITIBA, 2016).



FIGURA 6 – FESTIVIDADE POLONESA NO BOSQUE JOÃO PAULO II  
FONTE: A autora (2016)

Dentre as comemorações polonesas que ocorrem no Bosque João Paulo II, estão: Swiconka (FIGURA 6), que consiste na benção dos alimentos, durante a páscoa; Homenagem à visita do Papa João Paulo II, que ocorrem em Julho; a festa da padroeira da Polônia a Nossa Senhora de Czestochowa, que ocorrem em Agosto; homenagem ao pontificado de João Paulo II em outubro; e o dia de Santo Stanislaw, que da início às comemorações de Natal (CURITIBA, 2016), segundo a

tradição polonesa. Ribeiro (2004, p. 49) explica que “no caso específico das festas populares, sua realização forma a expressão simbólica mais fiel da vida social de uma comunidade”, complementando a ideia de que a cultura polonesa faz parte do ambiente de Curitiba.

A gestão cultural do Bosque João Paulo II é feita pela Fundação Cultural de Curitiba, que apresenta as normas de utilização do espaço (ANEXO 3) através de um documento de Termo de Ajuste de Condutas. Tal termo apresenta as entidades envolvidas na criação das normas, delimitações dos espaço em que as normas são vigentes e as regras em si. Dentre elas, regras de uso do espaço, uso do espaço interno e externo das casas de madeira e regras para fotografar e filmar.

Pesquisas de 2014 apontam que, no ano, o Bosque João Paulo II era o 14º atrativo turístico de Curitiba mais visitado pelos usuários da Linha Turismo (INSTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO, 2014, p. 5), considerando uma lista de 25 atrativos no total. Além disso, outros dados do Instituto Municipal de Turismo (2012, p. 23) apresentam que 35,1% dos turistas que vem a Curitiba participam de eventos culturais/artísticos e 33,3% dos excursionistas<sup>7</sup> que vem a Curitiba participam do mesmo tipo de evento.

Portanto, observa-se que o turismo cultural e o turismo étnico possuem potencial para serem desenvolvidos em localidades onde a cultura e o folclore são evidentes, como é o caso de Curitiba.

Percebe-se, então, que a partir do momento em que Curitiba e as cidades da Região Metropolitana possuem grupos folclóricos atuantes na região, trazendo apresentações e representações do folclore polonês, da etnia e da cultura presentes nas cidades, é possível o desenvolvimento de projeto de turismo cultural na região, como o que será proposto no prosseguimento do trabalho, como um evento.

---

<sup>7</sup> “Visitantes que não param para um pernoite, mas que atravessam o país ou região. Um excursionista permanece por menos de 24 horas e inclui viajantes de um dia e pessoas fazendo cruzeiros.” (BARRETO, 1998, p. 25-26).

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A seguir, serão apresentados os métodos e os materiais da construção da pesquisa com relação ao tipo e as técnicas de pesquisa, o modo de coleta de dados, juntamente com a tabulação e interpretação dos dados coletados.

Desta maneira, buscou-se validar a possibilidade de o Folclore Polonês ser um produto turístico de Curitiba e região metropolitana.

### 4.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa desenvolvida foi, primeiramente, classificada quanto aos objetivos, como exploratória, visto que, de acordo com Gil (1991, p. 45) “pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”. Assim, a pesquisa buscou comprovar hipóteses propostas através da percepção comum.

Este trabalho também foi de ordem qualitativa, a qual Richardson (1999, p. 90) define como “a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos.”.

A pesquisa bibliográfica foi utilizada num primeiro momento para a montagem do marco teórico, visto que “constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas [...] ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias” (ANDRADE, 1997, p. 37) e foi realizada com o auxílio da técnica Estado da Arte, ou seja, “[...] são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar”. Desta forma, o presente estudo utilizou-se da pesquisa bibliográfica com fontes, principalmente secundárias, ou seja, “obras que interpretam e analisam fontes primárias”. (Andrade, 1997, p. 37)

Este estudo, portanto, se caracterizou como sendo do tipo exploratório e qualitativo, utilizando a pesquisa bibliográfica como fonte de dados, acompanhada de pesquisa de campo com a técnica de aplicação de questionário.

## 4.2 TÉCNICAS DE PESQUISA

A pesquisa de campo foi realizada utilizando duas técnicas de pesquisa: questionários e entrevista semiestruturada. Segundo Marconi e Lakatos (2016, p. 86) o questionário “é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas” e a entrevista semiestruturada é caracterizada “quando o pesquisador segue um roteiro previamente estabelecido. As perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas” (LAKATOS e MARCONI, 2010, p. 279).

Primeiramente foram elaborados 3 modelos de questionários, que foram aplicados a 3 grupos distintos: os gestores dos grupos folclóricos, no qual obtive-se 7 respondentes, os folcloristas, no qual obtiveram-se 20 respondentes e pessoas presentes em uma apresentação folclórica, grupo no qual foram obtidos 18 respondentes.

As questões presentes nos questionários visaram obter as características dos entrevistados, analisar as apresentações folclóricas e seu público. Sendo que no caso dos gestores e folcloristas, havia mais um grupo de perguntas, em cada questionário, que estava relacionada ao folclore em Curitiba e o modo como ele é realizado internamente, assim as perguntas tinham mais foco na gestão do folclore. Ao final, as perguntas visavam obter informações que pudessem ser confrontadas com as respostas dos demais grupos entrevistados.

Já a entrevista semiestruturada foi elaborada para a gestora do Bosque João Paulo II, com perguntas diretas, mas que possuíam ramificações, ou seja, perguntas que seriam feitas ao longo das respostas da entrevistada.

Os questionários possuíam perguntas simples, visando respostas objetivas. Havia questões abertas, fechadas e de múltipla escolha, sendo a primeira caracterizada por permitir o “informante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões” (MARCONI e LAKATOS, 2010, p. 89). A segunda “são aquelas em que o informante escolhe sua resposta entre duas opções: sim e não” (MARCONI e LAKATOS, 2010, p. 89). Já a terceira “são perguntas fechadas mas que apresentam uma série de possíveis respostas (MARCONI e LAKATOS, 2010, p. 89).

Primeiramente, o questionário dos gestores (APÊNDICE 1) foi aplicado às pessoas que, dentro do grupo folclórico, possuem uma posição de liderança e que

tem autonomia para: ensaiar o grupo de dançarinos conforme as danças folclóricas, organizar as apresentações e montar um programa de danças para o grupo.

O questionário foi composto por 14 questões, dessas, as três primeira visavam caracterizar o gestor conforme idade, descendência e tempo que frequenta grupo folclórico polonês.

Após, foram construídas 3 questões que visavam avaliar o conhecimento do gestor quanto ao público que assiste às apresentações, constando pergunta sobre com qual motivação o público assiste a uma apresentação, quanto a avaliação que o público fazia de tal apresentação e, por fim, uma pergunta quanto ao público desejar retornar a outras apresentações folclóricas.

Assim, foram construídas questões relacionadas ao grupo folclórico que questionavam sobre participação em eventos de incentivo à cultura polonesa, para avaliar se o grupo se preocupa em manter as tradições polonesas e não somente está interessado em praticar o folclore sem uma base cultural forte. Também observar quais os eventos de incentivo à cultura o grupo participa; o perfil geral do público que assiste ao grupo folclórico, com o objetivo de verificar se o gestor conhece seu público; participação em eventos turísticos, objetivando verificar se o gestor se preocupa em realizar apresentações a um público interessado no turismo cultural, assim como verificar quais eventos os gestores julgam como turísticos; a busca por transmitir o significado do folclore, para observar se de que forma os gestores buscam transmitir a significação das danças e cantos ao público; formas de incentivo público, para observar se o poder público costuma incentivar o folclore e de que forma; e quais seriam as dificuldades de promoção do folclore, visando conhecer quais são os empecilhos para o desenvolvimento do folclore para que, por fim, pudessem ser traçadas ações que auxiliassem na diminuição do impacto negativo desses empecilhos.

Também foi construído um questionário específico para os participantes dos grupos folclóricos (APÊNDICE 2), denominados como folcloristas, podendo eles ser dançarinos ou colaboradores que participam ativamente, ajudando o grupo de alguma forma. Assim como o questionário anterior, primeiramente foram criadas questões que caracterizavam o entrevistado a partir da idade, cidade em que vive, descendência e tempo de participação em grupo folclórico polonês.

Por seguinte, foram inseridas questões que visavam, primeiramente, entender qual o conhecimento dos folcloristas quanto ao público que assiste a uma

apresentação, mas que também possuíam a premissa de que deveriam ser similares as questões feitas aos gestores, visto que, desta forma, haveria um comparativo. Assim, as questões feitas foram relacionadas à motivação do público presente em uma apresentação, o nível de satisfação do público presente e, por fim, ao retorno do público às próximas apresentações.

Em seguida, o questionário para os folcloristas apresentava questões relacionadas à gestão do folclore polonês, através de perguntas sobre a forma com que o grupo fomenta a cultura polonesa, a fim de descobrir se o folclorista sabe que o folclore que ele apresenta é uma forma de promoção da cultura. Também observar se o folclorista conhece as ações do grupo folclórico, tornando-se, assim, um participante ativo e com conhecimento sobre o grupo; o perfil do público, buscando assim observar se o folclorista tem conhecimento sobre o público que o assiste; o significado que é passado ao público a partir da representação do folclore, objetivando verificar se o folclorista acredita que o folclore possui um significado e que este deve ser repassado ao público, assim como verificar se o folclorista se interessa em apresentar o significado do seu folclore ao público; se há algum tipo de melhoria no formato de apresentação folclórica, para verificar se os folcloristas concordam com o formato de apresentação do folclore ou se possuem ideias que poderiam ser implantadas.

O terceiro questionário criado visava o público presente em um evento no qual haveria apresentações de grupos folclóricos poloneses. Assim, o questionário para o público (APÊNDICE 3) apresentava questões para caracterização do público, quanto a idade, sexo, se estava acompanhado, cidade em que vive e se é descendente de poloneses. Assim, buscou-se, com essas perguntas, caracterizar o público que foi a apresentação.

No mesmo questionário, as perguntas que se seguiam tinham o objetivo de verificar se o entrevistado já havia assistido a outra apresentação de grupo folclórico, a fim de confrontar essas respostas com uma das perguntas presente nos questionários dos gestores e dos folcloristas, além de validar a afirmação de que o público retorna a assistir outras apresentações; qual a motivação para assistir a uma apresentação folclórica, com o objetivo de verificar o motivo pelo qual o entrevistado estaria presente para assistir aos grupos; qual foi seu nível de satisfação quanto a apresentação do grupo, objetivando verificar se as apresentações possuem potencial de desenvolvimento para abranger um público maior; se o entrevistado

possui alguma crítica quanto a algo que tenha faltado à apresentação, com o objetivo de entender qual a expectativa do público, buscando melhoria e inovações ao evento.

Com esses questionários, buscou-se observar de que forma os grupos folclóricos apresentaram o folclore polonês para um público espontâneo e qual o perfil do público que assista estas apresentações para que, assim, pudessem ser confrontadas as respostas e, a partir disso, criar um novo produto turístico cultural para Curitiba a partir do folclore polonês.

Quanto a entrevista semiestruturada (APÊNDICE 4), foi questionado a entrevistada sobre questões de gestão do Bosque João Paulo II, objetivos pessoais na gestão e relacionamento do bosque com os grupos folclóricos. A partir dessas perguntas, visava-se obter os seguintes resultados: caracterização da gestora, observar sua relação com a cultura polonesa e seus objetivos com a gestão do bosque; descobrir os responsáveis pelo planejamento e organização dos eventos e de onde vem a verba para os eventos; caracterizar o envolvimento dos grupos com o bosque e seus eventos.

Com essa entrevista, objetivou-se sanar as dúvidas quanto à viabilidade de elaboração de projetos no Bosque João Paulo II e à gestão do bosque e também observar de que forma a cultura polonesa está ligada ao local, além das informações já existentes.

#### 4.3 COLETA DE DADOS

Por se tratar de uma pesquisa de cunho qualitativo, dispensou-se o cálculo de população e amostragem estatístico, sendo assim, os questionários foram aplicados com os responsáveis pelas apresentações dos grupos folclóricos poloneses do Paraná de canto e dança e a entrevista semiestruturada foi aplicada com a gestora/coordenadora do Bosque João Paulo II, a Sr<sup>a</sup> Danuta Lisicki de Abreu.

Para essa pesquisa, foram analisados 5 grupos folclóricos diferentes, os quais tem sede física em Curitiba ou Região metropolitana:

A escolha dos grupos folclóricos deu-se a partir do quadro de Malczewski (2008, p. 305-306), que apresenta todos os grupos folclóricos poloneses no Brasil (QUADRO 5).

Nome do Grupo	Localidade	Estado
Águia Branca	Águia Branca	ES
Águia Branca	Guarani das Missões	RS
Auresóvia	Áurea	RS
Biały Domek	Campo Alegre	SC
Dolina	Irati	PR
Góry	Carlos Gomes	RS
Hercílio Malinowski	São Bento do Sul, Mato Preto	SC
Jagoda	Quedas do Iguaçu	PR
Junak	Curitiba	PR
Jupem	Erechim	RS
Jopol	Porto Alegre	RS
Kalina	Nova Prata	RS
Karolinka	Barão de Cotegipe	ES
Karolinka	São Mateus do Sul	PR
Krakowiak	Mariana Pimentel	RS
Krakus	Ijuí	RS
Krenski	Curitiba	PR
Lajkonik	Entre Rios do Oeste	PR
Lublin	Irati	PR
Maximiliano Kolbe	São Bento do Sul, Rio Vermelho Estação	SC
Mazury	Mallet	PR
Niezapominajka	Campo do Tenente	PR
Orzeł Biały	Criciúma	SC
Orzeł Biały	Santo Antônio do Palma	RS
Polônia	Porto Alegre	RS
Recordação	Nova Erechim	SC
Solidarność	Dom Feliciano	RS
Sercepolskie	Guarapuava	PR
Szarotka	Balsa Nova	PR
Tęknota	Cruz Machado	PR
Wawel	São José dos Pinhais	PR
Wasoły Dom	Araucária	PR
Więzy Polskie	Itaiópolis	SC
Wielkopolska	Canoas	RS
Wiosna	Campo Largo	PR
Wiosna	Ribeirão Pires	SP
Wisła	Curitiba	PR
Zielony Gaik	São Bento do Sul	SC

QUADRO 5 – GRUPOS FOLCLÓRICOS POLONESES  
 FONTE: MALCZEWSKI (2008, p. 305-306)

A ilustração abaixo (FIGURA 7) representa Curitiba e região metropolitana, área escolhida para seleção dos grupos folclóricos, portanto representa a área da pesquisa.



FIGURA 7 – CURITIBA E REGIÃO METROPOLITANA  
 FONTE: INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA (2013)

A partir do recorte geográfico e da lista de grupos (QUADRO 6), elegeu-se os grupos com sede fixa em Curitiba ou região metropolitana e que estivessem em atividade, ou seja, grupos folclóricos que ainda realizam apresentações ou que possuem membros ativos dentro dos grupos. Assim, foram excluídos da pesquisa os grupos que não possuíam essas características.

Desta forma, elegeram-se os seguintes grupos que passaram a compor a pesquisa de campo (QUADRO 6):

Grupo	Sede	Status	De acesso à pesquisadora?
Junak	Curitiba	Em atividade	Sim
Wawel	São José dos Pinhais	Em atividade	Sim
Wesoły Dom	Araucária	Em atividade	Sim
Wiosna	Campo Largo	Em atividade	Sim
Wisła	Curitiba	Em atividade	Sim

QUADRO 6 – GRUPOS FOLCLÓRICOS DA PESQUISA

Fonte: A autora (2016)

A partir desta seleção, primeiramente, foi aplicado um questionário piloto para validação dos questionários e com o objetivo de buscar inconsistências nas perguntas e verificar se elas obteriam o resultado desejado.

No estudo dos questionários piloto, foi observada a necessidade de uma plataforma para aplicação dos questionários com os participantes da pesquisa, pela melhoria na tabulação dos dados e melhor organização das respostas. Os questionários piloto dos folcloristas foram aplicados 2 semanas antes do evento, com 2 integrantes do grupo folclórico Wisła, devido à proximidade da autora com o grupo. Já o questionário para o público, este foi aplicado com 2 familiares da autora, um que já havia assistido a uma apresentação e outro que não havia assistido. E, por fim, o questionário piloto dos gestores foi aplicado a um colega, ex-integrante do grupo Wisła e que hoje é gestor em outro grupo.

Foram observadas questões que precisariam ser perguntas fechadas, assim, foi possível fazer as alterações necessárias antes da aplicação dos questionários, adicionando alternativas para as questões sobre a motivação do público, em todos os 3 questionários e também alternativas a questão sobre o que faltou na apresentação dos grupos, no questionário do público.

A entrevista semiestruturada dispensou a aplicação de uma entrevista piloto, visto que, pelas características da entrevista, ela poderia ser conduzida até as respostas necessárias.

Os questionários foram aplicados durante um evento público no Bosque João Paulo II, no dia 28/08/2016, o qual se caracterizou por ser uma festividade a Nossa Senhora de Czestochowa. O evento foi composto por uma missa inicial com a participação do Coral Polonês João Paulo II e as apresentações dos grupos folclóricos. Também fazendo parte do evento, uma área gastronômica, composta por *food trucks* de comidas tradicionais polonesas, barraca de doces poloneses e mais uma barraca de venda de bebidas. Assim como a loja de produtos artesanais

poloneses que fica permanentemente aberta no bosque, estava em funcionamento no dia.

O local e data foram escolhidos visto que, por se tratar de uma apresentação folclórica pública, torna-se facultativo ao público estar presente ou não, ainda mais sendo um evento sem custo aos espectadores, isso faz com que não existam barreiras para o público. Sendo assim, uma apresentação acessível a qualquer tipo de pessoa.

Foram aplicados os 3 questionários: aos Gestores dos grupos, aos Folcloristas, que foram identificados pelos trajes folclóricos e que se apresentariam no eventos e também ao público geral que estava presente. Além disso, os questionários foram aplicados com o auxílio da plataforma Formulários do *Google*<sup>8</sup>, que permite a criação de questionários, formulários, pesquisas e roteiros de entrevista *online*. Os formulários da pesquisa foram respondidos *online*, sendo as respostas enviadas a uma planilha em tempo real, para isso, foi necessário o recurso da internet móvel.

De todos os questionários realizados, somente 2 do grupo de folcloristas não foram validados, visto que haviam respostas iguais, indicando duplicidade nas respostas.

Já a entrevista semiestruturada foi aplicada na tarde do dia 26/10/16 no próprio Bosque João Paulo II e teve duração de duas horas, sem ser gravada, mas com anotações na folha da entrevista. Pode-se obter todas as respostas necessárias, além de informações adicionais que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

#### 4. 4 TABULAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A tabulação dos questionários deu-se a partir da ferramenta do *Google*, na qual as planilhas foram criadas automaticamente com as respostas dos questionários aplicados, sendo que cada um dos 3 tipos de questionário possuía uma planilha separada com todas as suas respostas.

---

<sup>8</sup> Ferramenta disponibilizada como um produto da Google em que é possível coletar e organizar informações em pequena ou grande quantidade, possibilitando a criação de formulários online.

O primeiro passo da tabulação foi importar a planilha da ferramenta do *Google* no formato de *Excel*. Para a tabulação dos dados coletados nas planilhas, foi utilizada a metodologia proposta por Andrade (1997, p. 132-133), que sugere que haja, primeiramente, a seleção dos dados, a qual “visa à exatidão das informações obtidas [...]”. Procura-se, desta maneira, evitar informações confusas ou incompletas”. Sendo assim, a validação de dados objetivou detectar informações incoerentes e/ou sem clareza, e também respostas repetidas, sendo que em ambos os casos, todas as respostas do entrevistado foram retiradas da pesquisa.

Esta planilha possibilitou observar as respostas de todos de forma clara e organizada, podendo excluir respostas completas quando havia falta de coerência nas mesmas.

Foram realizadas dois tipos de tabulação: para as questões fechadas e para as questões abertas. Para as fechadas, agruparam-se as respostas iguais observando sua frequência e verificando a porcentagem em que ela aparecia. Já às perguntas abertas foram tabuladas por um processo mais complexo, descrito a seguir.

Foi feita a categorização dos dados das perguntas abertas que, segundo Andrade (1997, p.133) é realizado “mediante um sistema de codificação”, ou seja, foram observadas as frequências de cada resposta, assim, gerando respostas constantes ou então, respostas divergentes que ditaram a análise dos resultados da pesquisa e, conseqüentemente, validaram ou refutaram as hipóteses.

As categorias sugeridas para a tabulação desses dados foram: imigração, que visava buscar respostas que faziam referência aos imigrantes e seus descendentes, cultura, folclore e turismo, pois são categorias que compuseram o marco teórico. Para a primeira categoria foram consideradas as palavras-chave: imigrantes, descendentes, comunidade, etnia; para a categoria cultura, foram consideradas as palavras-chave: cultura, referência à religião, referência a alimentação, referência à arte; para a categoria folclore foram consideradas as palavras-chave: grupo, danças, canto, lendas, apresentação; por fim, a categoria turismo incluía as palavras-chave: turismo, nomes de cidades, eventos ou tipos de eventos;

Essas matrizes de síntese de dados auxiliaram na apresentação dos resultados, visto que ela reuniu todos os dados, já contabilizados quanto à frequência, deixando-os claros para a descrição dos resultados da pesquisa.

Já a tabulação das respostas da entrevista semiestruturada foi feita de forma mais qualitativa, descrevendo as respostas e analisando em qual categoria ela se enquadrava melhor, sendo que muitas das respostas não precisavam dessa análise, visto que se enquadraram como repostas sobre questões operacionais e objetivas. Para uma análise mais homogênea, foram utilizadas as mesmas categorias da tabulação das questões abertas dos questionários.

## 5 RESULTADOS

Neste capítulo, serão apresentados, descritivamente, todos os dados obtidos a partir da aplicação dos questionários e da entrevista semiestruturada, demonstrando as matrizes de tabulação de dados e gráficos que tinham a função de comparar os resultados dos 3 questionários.

### 5.1 DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Analisando o primeiro questionário, foram recebidas 7 respostas de 6 grupos folclóricos diferente, portanto, a seguir serão apresentadas as respostas obtidas:

Quando questionados sobre idade, obteve-se que apenas 1 dos gestores possuía idade entre 16 e 26 anos, sendo que todos os outros 6 possuíam idade entre 27 e 47 anos de idade, dado que pode ser utilizado em pesquisas futuras.

Já quanto ao questionamento sobre o entrevistado ter ascendência polonesa, o resultado foi o mesmo, sendo apenas 1 dos entrevistados não era descendente de poloneses, mas que frequenta grupos folclóricos poloneses a mais de 13 anos, ou seja, possui contato com a cultura.

Quanto ao tempo que o entrevistado participa de grupo folclórico poloneses, as respostas foram diversas, sendo que o gestor com menos tempo dentro de grupo folclórico, frequenta a 9 anos e o gestor com mais tempo em grupos folclóricos com 20 anos.

Em relação à qual seria a motivação do público para assistir uma apresentação folclórica, por ser uma pergunta com possibilidade de mais de uma resposta, os gestores, ao todo, responderam 18 vezes, com isso, tem-se que 39% das respostas incluíram a opção “A Cultura”, em segundo lugar, ficou o item “Familiares/Conhecidos que dançam”, mencionado em 22% das respostas; em terceiro e quarto, ambos citados em 17% das respostas, os itens “Curiosidade” e “Oportunidade” e, por fim, um gestor acrescentou o item “A beleza”, que foi assinalado somente uma vez, ou seja, esse item este presente em apenas 5% das respostas.

Quando perguntados sobre a expectativa que o público tem sobre as apresentações, os gestores acreditam que a nota média dada pelo público a uma apresentação, é 8,4.

Já quanto à questão sobre se o público que assiste a uma apresentação costuma ir a outras, as repostas dos gestores foram inânimes, visto que todos responderam que sim.

Quando perguntados sobre os eventos de incentivo à cultura polonesa que o grupo folclórico realiza ou participa, as respostas também foram unânimes, sendo elas positivas.

Como continuação da pergunta anterior, os gestores foram questionados sobre quais seriam os eventos de promoção da cultura polonesa que os grupos participavam, assim os gestores informaram que os eventos de promoção da cultura polonesa em que participam são, festivais, no geral, eventos culturais, eventos promovidos pela comunidade polonesa, missas, feiras e também festas tradicionais no Bosque João Paulo II, como festividades de páscoa, natalinas e festividade da Nossa Senhora de Częstochowa.

Quanto ao questionamento sobre o perfil do público que assiste à apresentações, os gestores acreditam que sejam famílias, pessoas relacionadas à cultura polonesa, descendentes de poloneses, familiares de dançarinos e integrantes de outros grupos.

Agora, quanto a questão sobre a participação em eventos com teor turístico, a pergunta visava, principalmente, observar se os gestores consideravam que os eventos em que participavam estariam relacionados com o turismo, para que, com isso, pudessem ser traçadas ações voltadas ao turista. Já quanto às respostas, apenas 4 gestores sinalizaram que o grupo folclórico participa, enquanto 2 acreditam que a resposta seja não e apenas um gestor não soube responder.

Para próxima pergunta, os gestores deveriam informar quais seriam os eventos de teor turístico que participam, e desta forma dos 4 gestores que responderam que participam, apenas 2 informaram que são eventos turísticos e eventos promovidos a comunidade em geral.

Quanto a pergunta que responderia ao questionamento “De que forma o grupo busca transmitir o significado do folclore polonês para o público?” os gestores acreditam que os grupos folclóricos transmitem o significado do folclore polonês para o público através de danças, cantos e encenações.

Já para o questionamento sobre se existem formas de incentivo público para o folclore, três dos gestores informaram que não existem formas de incentivos

públicos para o folclore, enquanto os outros informaram que existem forma, sendo que um deles disse que apesar de existirem, são insuficientes.

Quando perguntados sobre as dificuldades na promoção do folclore, os gestores citam a falta de componentes, o preconceito de gênero, que causa o afastamento dos homens dos grupos, a concorrência com as mídias atuais, falta de incentivo do governo, estrutura e busca por patrocínio, alto custo da sede dos grupos, figurinos e equipamentos eletrônicos e, por fim, a falta pela busca do mantimento das raízes.

Quanto às questões abertas, foi elaborada uma matriz única com os dados do questionário e enquadrando as respostas em categorias apresentadas na metodologia. Assim, o quadro abaixo apresenta a síntese dos dados das questões abertas:

Questões	Imigração	Cultura	Folclore	Turismo
Eventos de incentivo à cultura polonesa grupo folclórico realiza ou participa	Festival de etnias do Paraná	Festividades de todo tipo, missas, feiras	Eventos no bosque do papa, eventos na sede do grupo, eventos em cidades próximas ou em araucária. Noites da sopa, festa do Pierogui, entre outros	Festividades de todo tipo, missas, feiras
	Festas promovidas pela comunidade polonesa	Festas promovidas pela comunidade polonesa		Eventos como base de cultura, Festivais, Música
	Eventos no bosque do papa <sup>9</sup> , eventos na sede do grupo, eventos em cidades próximas ou em araucária. Noites da sopa, festa do Pierogui, entre outros	Eventos como base de cultura, Festivais, Música Eventos no bosque do papa, eventos na sede do grupo, eventos em cidades próximas ou em araucária. Noites da sopa, festa do Pierogui, entre outros		Eventos no bosque do papa, eventos na sede do grupo, eventos em cidades próximas ou em araucária. Noites da sopa, festa do Pierogui, entre outros
ma ir a apres entac	Familiares, amigos e descendentes	Amigos, familiares e pessoas que gostariam de	Ligados a cultura polonesa, outros grupos folclóricos,	

<sup>9</sup> O Bosque João Paulo II também é conhecido e indicado pelos entrevistados como “bosque do papa”

		conhecer mais sobre a cultura	parentes de dançarinos.	
	Descendentes de poloneses	Ligados a cultura polonesa, outros grupos folclóricos, parentes de dançarinos.		
	O público que comparece as festas tradicionais, geralmente é descendente e gosta de programas culturais.	O público que comparece as festas tradicionais, geralmente é descendente e gosta de programas culturais.		
Eventos com teor turístico	Eventos promovidos à comunidade em geral			Espetáculos em eventos turísticos
Forma o grupo busca transmitir o significado do folclore para o público		Através da própria cultura	Através de cantos e danças	
			Em suas sublimes manifestações como canto, danças, alegria	
			Encenações, canções	
			Danças	
			Através de danças populares e nacionais, cantos, etc.	

QUADRO 7 – MATRIZ DA SÍNTESE DOS DADOS DAS QUESTÕES ABERTAS DO QUESTIONÁRIO PARA OS GESTORES

FONTE: A Autora (2016)

Para o questionário aplicado com os folcloristas, foram recebidas 20 respostas, sendo respostas de integrantes de 4 grupos folclóricos diferentes. As respostas obtidas através das perguntas estão descritas abaixo:

Quanto ao questionamento sobre a idade dos entrevistados, obteve-se que dentre os folcloristas, 60% tem idade entre 27 a 47 anos, 15% tem menos de 16 anos, assim como outros 15% dos folcloristas tem idade entre 16 e 26 anos e somente 10% deles possuem mais de 48 anos.

Com relação a cidade em que os folcloristas residem, as respostas variaram entre Curitiba, São José dos Pinhais e Campo Largo, sendo a porcentagem de respostas para cada cidade de 47%, 37% e 16%, respectivamente.

Na pergunta sobre se o entrevistado possui ascendência polonesa, dos 20, 7 são descendentes de poloneses e 13 não são, mas possuem contato com a cultura,

ou seja, 65% dos folcloristas não são descendentes de poloneses, enquanto 35% são.

Já na pergunta referente a quantidade de tempo em que o entrevistado frequenta grupo folclórico, a resposta do grupo foi variada, estando dentre 2 semanas até 30 anos.

Na pergunta com o questionamento sobre a sua opinião do entrevistador sobre o que motiva um público a assistir uma apresentação folclórica, os folcloristas podiam assinalar mais de uma opção, o item “Familiares/conhecidos que dançam” esteve presente em 34% das respostas, o item “A cultura” esteve presente em 32% das respostas, já o item “Curiosidade” obteve 20% das respostas, enquanto o item “Oportunidade” esteve em apenas 14% das respostas.

Já quanto a nota média que os folcloristas acreditam que o público daria a uma apresentação, a média foi de 9,15.

Quando perguntados sobre se o público que assiste a uma apresentação folclórica costuma retornar a assistir outras, 85% dos folcloristas acreditam que o público que assiste uma apresentação volta a assistir outra, enquanto apenas 15% acreditam que o público não retorna a assistir uma apresentação folclórica.

Já quanto ao questionamento sobre qual a opinião do entrevistado sobre como o grupo costuma fomentar a cultura polonesa para o público, as respostas obtidas foram que o modo como os grupos fomentam o folclore polonês para o público é através de costumes, relatos de histórias e lendas, redes sociais, demonstrando e explicando as representações, se reunindo para a troca de culturas, através de divulgação e internet, de participação em eventos culturais e, a partir de boas apresentações, despertar a curiosidade do público para buscar mais sobre a cultura, também através das danças e de explicações sobre elas. Ainda houveram 3 folcloristas que não acreditam que o grupo fomente a cultura polonesa para o público.

Quando perguntados sobre o perfil do público que costuma ir a apresentações, os folcloristas acreditam que o perfil do público que vai a apresentações é de famílias, descendentes de poloneses, familiares ou conhecidos de dançarinos, pessoas interessadas em danças e folclore e também houveram opiniões sobre idade, sendo que alguns folcloristas foram específicos dizendo que seriam pessoas mais velhas, enquanto outros folcloristas informaram que acreditavam haver desde crianças até idosos nas apresentações.

Já quanto ao questionamento sobre qual seria a opinião do entrevistado sobre o modo como o grupo transmite ao público algum tipo de significado sobre o folclore que é apresentado, para 85% dos entrevistados, os grupos folclóricos transmitem algum significado sobre o folclore apresentado, enquanto apenas 15% discordam.

Quanto ao formato das apresentações, 50% das respostas dos folcloristas dizem que existem melhorias e os outros 50% das respostas que dizem que não há como melhorar o formato de apresentação.

Para os que responderam que existem melhorias, na pergunta 12, os entrevistados responderam que estas seriam: maior integração com o público, maior procura pelas raízes culturais, dar mais significado às apresentações, com mais explicação sobre as danças, buscar por melhoria na técnica de dança, assim como melhoria na postura e refinamento nos detalhes e maior incentivo para os grupos.

As questões abertas foram tabuladas em uma matriz separada, alocando as respostas nas categorias apresentadas na metodologia. Assim, o quadro abaixo apresenta a síntese dos dados das questões abertas:

Questões	Imigração	Cultura	Folclore	Turismo
Como o grupo costuma fomentar a cultura polonesa para o público		Reunindo para troca de cultura	Relata histórias, costumes e lendas	Com eventos
		Através de boas apresentações que despertam a curiosidade em conhecer melhor a cultura	Apresentações Através de boas apresentações que despertam a curiosidade em conhecer melhor a cultura	Participando de eventos culturais, trazendo a história das danças e suas regiões.
			Dançando e comentando	
			Através de apresentações	
			Apresentações de dança.	
Perfil do público que costuma ir do grupo folclórico	Descendentes e parentes	Em sua maioria acredito que famílias que gostam de eventos culturais, pessoas com afinidade à danças ou a cultura folclórica.	Pais e familiares dos próprios dançarinos.	
	Descendentes e parentes de dançarinos		Em sua maioria acredito que famílias que gostam de eventos culturais, pessoas com afinidade à danças ou a cultura folclórica.	
	Poloneses e acima de 35 anos			
apresentações do grupo	Conhecimento sobre a cultura	Procura pela raiz da cultural	Busca pela técnica de dança	

	dos povos que compõem o Brasil é a nossa identidade cultural	Conhecimento sobre a cultura dos povos que compõem o Brasil é a nossa identidade cultural	Dar um significado as apresentações. Explicar as danças Falta integração com o público. Tanto na dança quanto na fala Mais incentivos para os grupos. Trajes Aperfeiçoamento das danças.	
--	--	---	---	--

QUADRO 8 – MATRIZ DA SÍNTESE DOS DADOS DAS QUESTÕES ABERTAS DO QUESTIONÁRIO PARA OS FOLCLORISTAS

FONTE: A Autora (2016)

No questionário aplicado para o público presente no evento, foram obtidas 18 respostas, seguindo um roteiro de perguntas (APÊNDICE 3) que caso a resposta da pergunta 6 fosse negativa, o questionário terminaria e a questão 8 era dispensada, visto que as questões 7 e 8 eram voltadas a pessoas já haviam assistir a uma apresentação folclórica.

A partir da aplicação dos questionários, obteve-se que 53% dos entrevistados possuem idade entre 27 a 47 anos, enquanto 35% possuíam mais de 48 e apenas 12% dos entrevistados possuem de 16 a 26 anos e nenhum entrevistado possuía menos de 16 anos.

Quanto ao gênero que se sobressaiu foi o feminino, com 61% dos entrevistados e o gênero masculino obteve 39% respostas.

Em relação ao entrevistado estar sozinho ou acompanhado, 70% dos entrevistados estavam acompanhados de familiares, enquanto 18% estavam acompanhado de amigos e apenas 12% dos entrevistados estavam sozinhos.

Quanto ao local de residência, 31% dos entrevistados possuem residência em Curitiba, enquanto 17% possuíam residência em cidade metropolitana de Curitiba, outros 17% com residência em outras cidades brasileiras e 5% entrevistado possuía residência fora do Brasil.

Quanto à questão sobre descendência polonesa, 61% dos entrevistados alegaram não ter descendência polonesa, enquanto os outros 39% alegaram ter.

Quando perguntados sobre se já havia assistiu a alguma apresentação folclórica antes, dos 89% dos entrevistados já haviam assistido uma apresentação antes e apenas 11% alegaram nunca ter assistido uma apresentação folclórica antes. Esses argumentaram que é devido falta de oportunidade ou a não busca por

um espetáculo folclórico, respondendo à pergunta sobre o porquê de nunca terem assistido.

Na pergunta seguinte sobre o que motivou o entrevistado a assistir à apresentação do evento, em sua maioria a resposta foi que a “oportunidade” os motivo, visto que essa opção esteve presente em 32% das respostas, logo após, o item “Familiares/conhecidos que dançam” esteve presente em 28% das respostas, enquanto os itens “A cultura”, “Curiosidade” e “outros” estiveram presentes em 12% e 8% das respostas, respectivamente.

Quanto ao questionamento sobre a se a apresentação folclórica superou ou não atingiu as expectativas do público, sendo que a nota 10 seria que superou as expectativas e a nota 1 seria que não superou, a nota média que o público dera à apresentação foi de 8,75.

Sobre a questão relacionada à o que faltou na apresentação, com 35% e 29% das respostas apresentaram os itens “Mais informações sobre a cultura polonesa” e “Não faltou nada”, respectivamente, o item “Interação com o público” apareceu em 18% das respostas, o item “Maior experiência” apareceu em 12% das respostas e o item “Divulgação” apareceu em apenas 6%.

Agora, quanto as sugestões, o público sugeriu que as apresentações fossem melhor divulgadas, que houvesse mais interação tanto na fala quanto nas danças, mais contextualização sobre a Polônia e também um resumo ou sinopse sobre os espetáculos em folders.

A única questão aberta do questionário para o público do evento foi tabulada em uma matriz separada, alocando as respostas nas categorias apresentadas na metodologia. Assim, o quadro abaixo apresenta a matriz dos dados das questões abertas do questionário para o público do evento:

Questões	Imigração	Cultura	Folclore	Turismo
Sugestões	Apresentação da origem. Mais contextualização	Interagir mais na hora de explicar	Conseguir a divulgação das apresentações	Na propaganda uma sinopse ou resumo
		Apresentação da origem. Mais contextualização	Uma que o público participasse. Mais interação com o público	
			Interagir mais na hora de explicar	

QUADRO 9 – MATRIZ DOS DADOS DAS QUESTÕES ABERTAS DO QUESTIONÁRIO PARA O PÚBLICO DO EVENTO

FONTE: A Autora (2016)

Nessa parte final da descrição dos resultados serão apresentados os dados comparativamente, conforme foi explicado na metodologia que os questionários foram construído de forma a poder comparar as respostas ao final.

Assim, para os gestores, o que motiva o público a assistir uma apresentação, no geral é a cultura polonesa, enquanto para os folcloristas são os familiares/conhecidos que estão se apresentando e para o público, o que realmente os motiva é a oportunidade de estar em um lugar e estar ocorrendo um a apresentação folclórica. Como apresenta o gráfico abaixo (GRÁFICO 7):

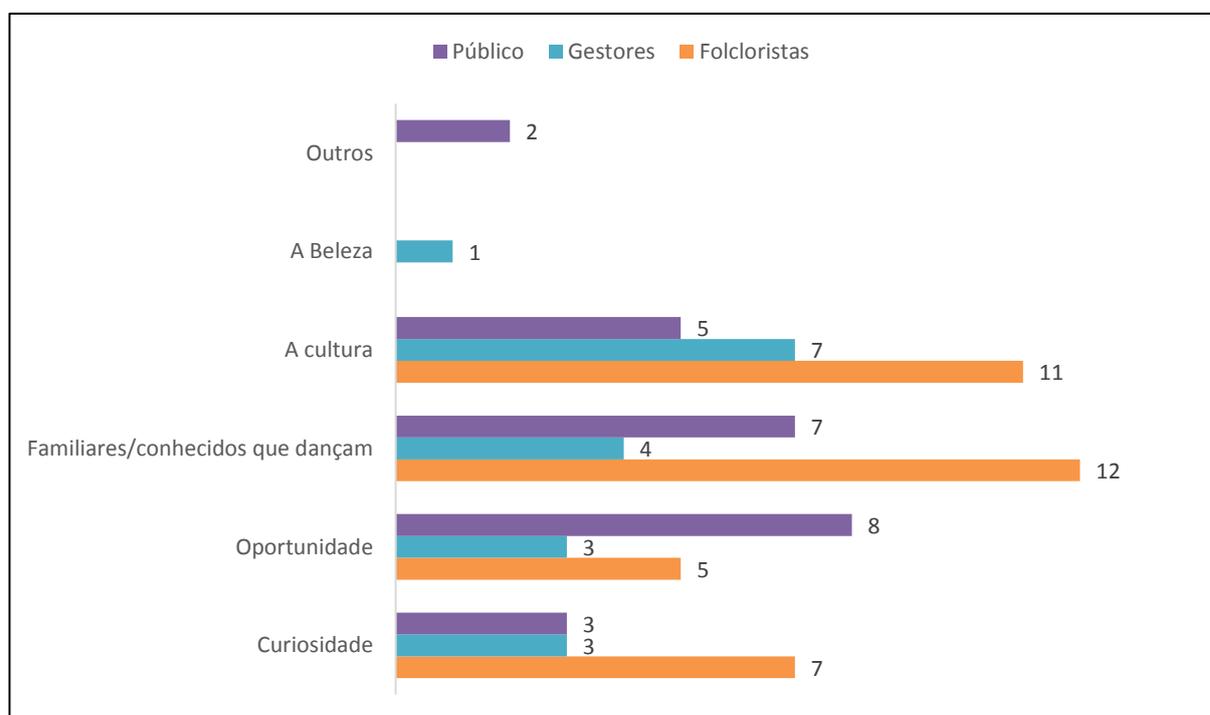


GRAFICO 7 – MOTIVAÇÃO DO PÚBLICO

FONTE: A autora (2016)

Para os gestores, a nota média foi de 8,4, já para os folcloristas, a nota foi de 9,15 e para o público de fato, a nota dada foi de 8,75, conforme abaixo (GRÁFICO 8):

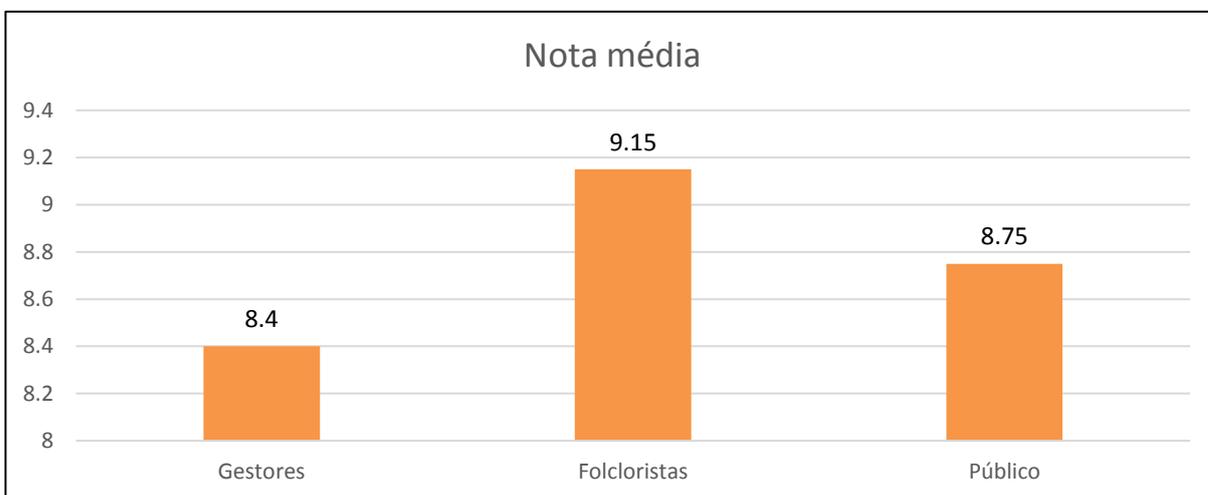


GRAFICO 8 – NOTA MÉDIA DADA A UMA APRESENTAÇÃO  
FONTE: A autora (2016)

Os gestores foram unânimes alegando que o público volta a assistir outras apresentações, enquanto os folclorista, em maioria concordam e o público apresentou que costuma assistir outras apresentações (GRÁFICO 9):

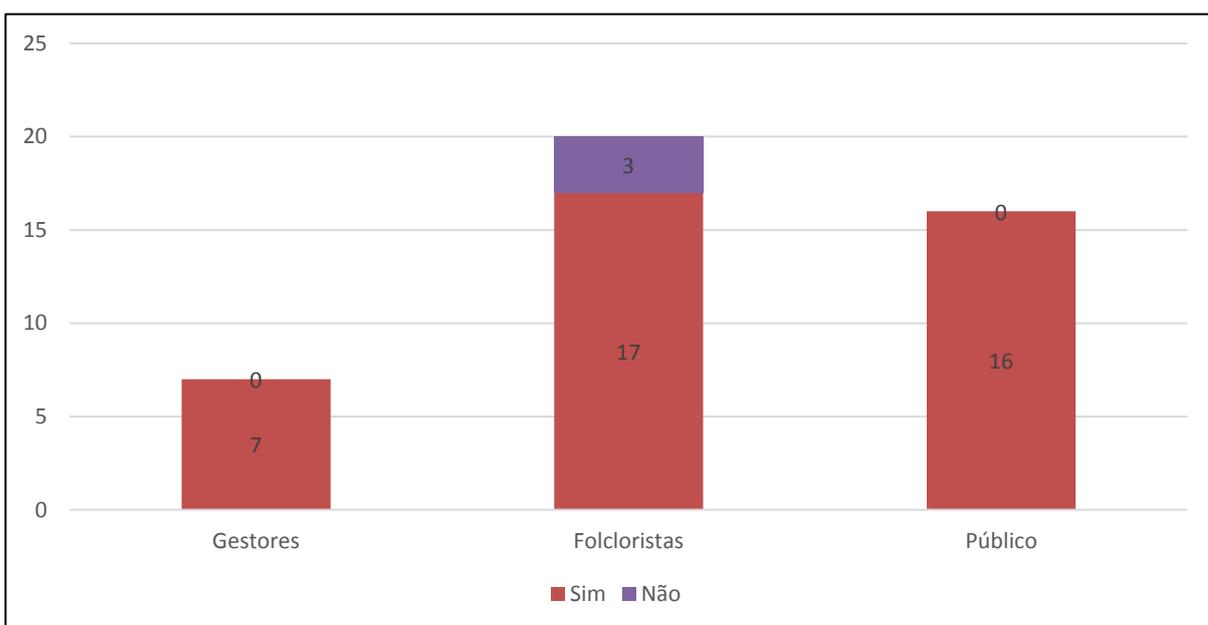


GRAFICO 9 – PÚBLICO QUE COSTUMA RETORNAR A OUTRAS APRESENTAÇÕES  
FONTE: A autora (2016)

Quanto ao perfil do público, esta pergunta foi aplicada aos folcloristas, cuja foi que 14 dos entrevistados mencionaram o perfil é um público formado por famílias e 5 mencionaram que descendentes de poloneses frequentam as apresentações. Já as respostas obtidas pelo público foi um perfil de público mais velho, com idade acima de 27 anos, em sua maioria, também um público mais feminino e acompanhado da família, entretanto, a divergência é que a maioria dos entrevistados não tinham descendência polonesa, item apontado pelos folcloristas.

Conforme já apresentado, os eventos possuem potencialidade turística, caso planejado e organizados para tal público. Entre os gestores, 4 responderam que participam de eventos com teor turístico, o que representa que eles veem essa potencialidade, e os outros 3 responderam que não ou que não saberiam dizer, entretanto, os questionários apontam que 17% dos entrevistados eram da região metropolitana, 17% turistas nacionais e 5% eram turistas internacionais (GRÁFICO 10):

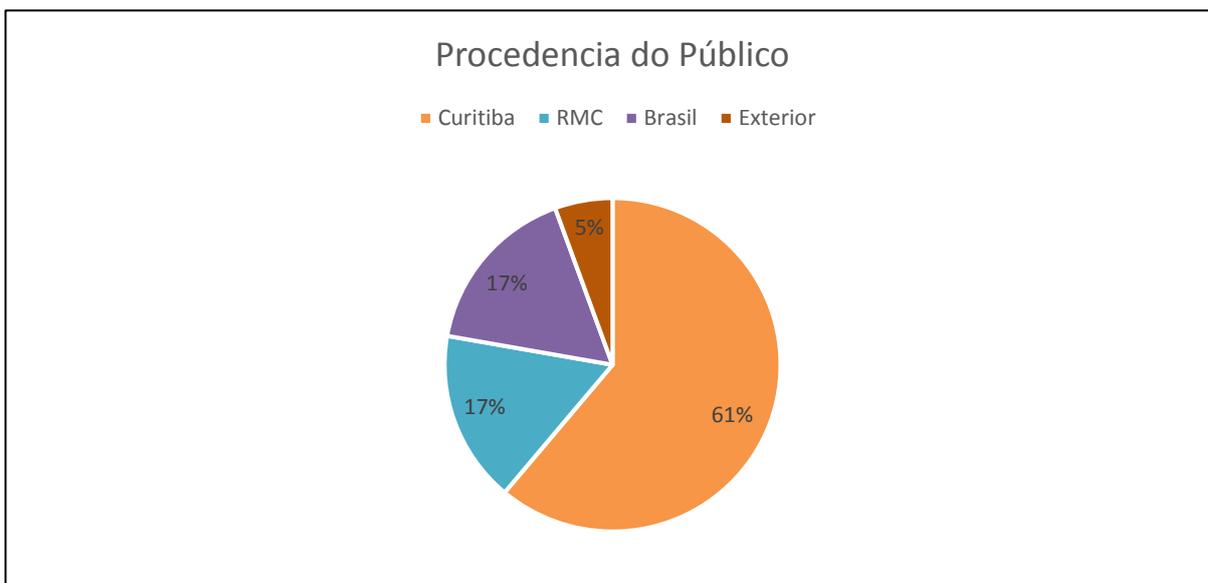


GRÁFICO 10 – PROCEDÊNCIA DO PÚBLICO  
 FONTE: A autora (2016)

Por fim, observa-se que a acessibilidade, no sentido de disponibilizar, à uma apresentação é um ponto chave a ser trabalhado no produto cultural folclórico polonês em Curitiba, visto que é uma das maiores motivações do público e, unido a isso, observa-se a necessidade reformulação das estratégias de promoção e propaganda das apresentações folclóricas públicas, visto que o fator “divulgação” foi apresentado pelo público como sugestão de melhoria.

Também é considerado o conhecimento sobre o perfil do público, entretanto, a utilização deste conhecimento se apresentou como deficiente, visto que o conhecimento sobre o público não influenciou em novas estratégias, tanto de promoção e propaganda quanto de representação do folclore.

Os primeiros dados obtidos através da entrevista semiestruturada foram em relação ao histórico do Bosque João Paulo II e sua gestão: a gestora do bosque informou sobre o pertencimento da área do bosque como sendo do estado do Paraná, mas que há apoio da prefeitura em alguns pontos. Além disso, a gestora informou que há uma concessão à Representação Central da Comunidade Brasileira–Polonesa no Brasil, a BRASPOL e a gestora representa este órgão.

Segundo a gestora do bosque, que está nesse cargo a 36 anos, as responsabilidades são divididas, sendo que a Secretaria do Meio Ambiente é responsável pela limpeza, jardinagem e outros serviços ao bosque e que os funcionários que trabalham, com caráter fixo, no bosque, como vigias, porteiro e outros são de responsabilidade da Fundação Cultural de Curitiba. Entretanto, a manutenção do Memorial Polonês e a preservação da área verde do bosque é de responsabilidade da BRASPOL, além de que a gestora informou que muitas das exposições que estiveram presentes ao longo do tempo no Memorial são parte de seu acervo pessoal.

Para a reforma do ambiente e das casas de madeira, a gestora comentou que já houveram diversas formas de arrecadação de fundos, como parcerias com o estado, prefeitura, comunidades polonesas e utilização de recursos vindos da Lei Rouanet, que “estabelece as normativas de como o Governo Federal deve disponibilizar recursos para fomentar a cultura no Brasil.” (BRASIL, 2016c).

Quanto à segurança, a gestora informou que houve um pedido à prefeitura de Curitiba para que esta disponibilizasse guardas permanentes para o local, deste modo, o pedido foi acatado como parte da parceria entre o Bosque João Paulo II e a Prefeitura de Curitiba. Além desse ponto, a gestora comentou que outra parte dessa parceria é quanto ao empréstimo de equipamentos de áudio e som para as festividades do bosque, que são cedidos pela prefeitura sempre que disponíveis.

Quanto à organização das festividades, há concentração das etapas de planejamento, execução e pós-evento com a gestora. Segundo ela, desde criação do calendário de eventos do bosque, solicitações a prefeitura, contato com os

grupos folclóricos, elaboração do material de divulgação, estratégias de divulgação, logística do evento até outras atividades são realizadas por ela própria.

Já um ponto bastante enfatizado pela gestora foi o atendimento às regras de uso do espaço do bosque, para ela, as atividades programadas de pessoas físicas e jurídicas não são proibidas, mas são autorizadas mediante solicitação e uso correto do local, com a premissa de que essas atividades estejam voltadas a “cultura, religião ou à polonidade” conforme fala da gestora. Neste ponto, é importante ressaltar a ligação desses 3 elementos que a gestora mencionou com a categorização proposta na metodologia, assim, enquadram-se na análise com a palavra-chave cultura, folclore e imigração.

Como formas de arrecadação, a gestora comentou sobre o Quiosque de artesanato polonês e sobre a participação nos lucros da praça de alimentação das festividades. Entretanto, toda arrecadação é direcionada à manutenção das casas de madeira e ao pagamento de funcionários terceirizados que trabalham nas festividades.

Quando questionada sobre a relação com os grupos folclóricos, a gestora comentou sobre a logística dos eventos, onde é disponibilizado transporte e lanches para os componentes dos grupos e que, apesar de os grupos não participarem do processo de planejamento e gestão das festividades, existem pessoas que estão ligadas aos grupos que auxiliam na montagem do cronograma das festividades e também em assuntos relacionados aos espetáculos folclóricos. Mas apesar desse pouco envolvimento, a gestora comentou que “os grupos auxiliam muito na transmissão da cultura polonesa para o visitante do bosque”.

Voltando ao lado pessoal da gestora, ela considera que a gestão do Bosque João Paulo II dada a ela por pedido do governo da Polônia é uma missão a ser cumprida e que, como polonesa, ela acredita no espaço do bosque como um local de cultura e religiosidade. Além de fundadora da BRASPOL, a gestora coordena o bosque a 36 anos e acredita que os grupos folclóricos tem muito a contribuir para o turismo em Curitiba. Considerando esses trechos, as categorias que mais se enquadram no perfil da gestora são imigração e cultura.

Neste sentido, a gestora considera que há muito conhecimento sobre a cultura polonesa entre os grupos e acredita que eles deveriam abrir mais espaço para a comunidade e para os visitantes e turistas de Curitiba para conhecer mais

sobre suas sedes, danças e folclore. Nesses trechos, há o enquadramento das respostas em 2 categorias: cultura e turismo.

Quando questionada sobre a questão turística relacionada a cultura polonesa, a gestora disse que deveriam haver mais eventos de incentivo à cultura e que estes deveriam ter caráter turístico, pois há interesse de comunidades polonesas de todo o Brasil em conhecer mais sobre a cultura.

## 5.2 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Analisando primeiramente as respostas do questionário para os gestores, verificou-se que o folclore polonês em Curitiba e Região Metropolitana é gerido por pessoas que já estão envolvidas com a cultura e apresentações folclóricas a mais de 9 anos, considerando que a maioria destes gestores estão em grupos folclóricos poloneses a mais de 15 anos e que a idade média dos gestores está entre 27 e 47 anos, observou-se que os gestores participam dos grupos folclóricos poloneses desde a infância e que, portanto, tem pleno conhecimento sobre o folclore. Além disso, também é necessário considerar que a maioria dos gestores possui descendência polonesa, levando a hipótese de que já tinham contato com a cultura polonesa ou que retomaram o contato após a entrada no grupo.

Tem-se portanto que considerar que o Folclore Polonês em Curitiba e Região Metropolitana é gerido por pessoas que já frequentam o grupo a bastante tempo e que, assim, possuem conhecimento sobre o modo de gerir o folclore polonês.

Após essa primeira análise, a segunda parte do questionário dos gestores apresentou perguntas que avaliaram o conhecimento do gestor quanto ao público que está presente nas apresentações e, assim, pode-se dizer que faltam estudos sobre o assunto que possibilitem aos gestores ter mais conhecimento sobre seu público. Essa situação é confirmada a partir das respostas dos gestores quanto ao o que motiva o público a ir a uma apresentação, resposta essa que se comprovou divergente a resposta dada pelo público.

No entanto, é preciso reconhecer que os gestores têm consciência quanto ao nível de suas apresentações, visto que a nota média que acreditavam que o público daria às apresentações foi bastante próxima a nota realmente dada pelo público, além de terem consciência de que o público que vai a uma apresentação,

costuma estar presente em outras. Pode-se concluir, então, que os gestores têm organizado apresentações satisfatórias e que, de fato, satisfazem a expectativa do público presente, além de que as boas apresentações fazem com que este público retorne a outras, demonstrando, de certa forma, a fidelização dessas pessoas.

Quanto à última parte do questionário, sobre o folclore em si, obteve-se que os grupos folclóricos costumam participar em eventos de incentivo à cultura polonesa e que, muitas vezes, são iniciativas próprias, podendo, assim, concluir-se que os grupos folclóricos poloneses de Curitiba e Região Metropolitana são agentes de promoção da cultura e que os mesmos têm potencial para tornarem-se agentes proativos de incentivo a esta cultura, em situações de liderança, comprovado pela resposta “eventos na sede do grupo” dada por um dos entrevistados.

Além disso, com a análise da matriz de respostas abertas do questionário dos gestores, tem-se nessa questão que a palavra-chave mais representativa nas respostas foi Cultura, ou seja, pode-se considerar que para os gestores, os eventos de incentivo à cultura polonesa estão ligados a própria cultura.

A partir deste dado também pode-se comprovar que os grupos de folclore polonês em Curitiba e Região metropolitana estão ligados a comunidade polonesa que busca manter as tradições com eventos culturais. Essa afirmação é confirmada com as respostas dadas ao questionamento sobre a participação do grupo em eventos de incentivo à cultura polonesa, como por exemplo as seguintes respostas: “Festas promovidas pela comunidade polonesa”, “Eventos com base na cultura” e também na resposta “Festas tradicionais da páscoa, Natal, visita do Papa João Paulo II ao Brasil e nossa senhora de Czestochowa” dada por um dos participantes da pesquisa.

Deste modo, pode-se considerar que os Grupos Folclóricos Poloneses são agentes de promoção da cultura polonesa e que estes, a partir das apresentações de canto e danças, promovem a cultura polonesa.

Sobre o perfil do público, os gestores apresentaram em suas respostas referências, basicamente, a imigração polonesa e sua cultura, representado que os gestores ainda não possuem a percepção de que os eventos no Bosque João Paulo II tem potencial turístico.

Também foi possível concluir que os gestores dos grupos folclóricos possuem noção de que a cultura polonesa e seu folclore têm potencial turístico, visto que ao serem questionados, 57% respondeu que os grupos participam de eventos

com teor turístico. Esse dado confirma que a maioria dos gestores considera o folclore como atrativo turístico e que, mesmo não tendo força de atração de turistas, é possível que seja produto do turismo local, conforme descrição de um dos gestores durante a pesquisa: “eventos promovidos à comunidade em geral”.

Através do questionamento sobre transmitir o significado do folclore para o público, percebeu-se que os grupos folclóricos possuem limitações quanto às atividades que realizam com o público, visto que as respostas incluíam basicamente os itens “danças”, “cantos” e “encenações”. Sabe-se, porém, que o folclore é um elemento que inclui não somente esses itens, e que se caracteriza como sendo a “sabedoria de um povo”, como observado no marco teórico.

Analisando também a matriz de perguntas abertas aos gestores, as respostas estavam, basicamente, voltadas a questão folclórica, quando a questão cultural verificou-se que foi pouco citada, representando a necessidade de retomada das raízes culturais polonesas nas apresentações no Bosque João Paulo II.

Concluiu-se, portanto, que os grupos folclóricos possuem potencial para apresentar não somente os conhecimentos sobre danças e cantos poloneses, mas também outros saberes como linguagem, literatura e elementos tradicionais da cultura polonesa que não são trabalhados pelos grupos junto ao público.

Mais ao fim do questionário observou-se que os grupos folclóricos sentem necessidade que haja mais incentivos públicos/governamentais para a promoção da cultura polonesa, visto que 67% dos entrevistados disseram não existir nenhum tipo de incentivo público para a promoção do folclore, além disso, dentre as dificuldades encontradas para a promoção do folclore, um dos entrevistados comenta que a “falta de incentivo dos governantes” é um empecilho.

Deste modo, conclui-se que a falta de incentivo público é uma limitação para os grupos folclóricos e um potencial turístico pouco desenvolvido como turismo cultural na cidade de Curitiba, apesar de esta possuir imagem de multietnicidade.

A última pergunta do questionário para os gestores demonstra que dentre as dificuldades dos grupos, 5 são pontos fracos e 3 são ameaças, conforme o quadro da análise SWOT abaixo que apresenta somente os pontos negativos:

Pontos Fracos	Ameaças
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta de componentes</li> <li>• Concorrência com as mídias atuais</li> <li>• Falta de incentivo dos governantes</li> <li>• Estrutura</li> <li>• Falta de patrocínio</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Preconceito de gênero que afasta meninos</li> <li>• Valores altos para manutenções da sede, figurinos, equipamentos de áudio</li> <li>• A falta de interesse em buscar ou manter suas raízes</li> </ul>

QUADRO 10 – PONTOS NEGATIVOS CITADOS PELOS GESTORES NA ANÁLISE SWOT  
 FONTE: A autora (2016)

Sendo assim, concluiu-se que os pontos fracos citados pelos gestores são passíveis de elaboração de estratégias que os amenizem e que para as ameaças sugere-se a potencialização de pontos positivos visando amenizar o impacto negativo que causam ao grupo folclórico.

Analisando os questionários realizados para os folcloristas, primeiramente pode-se concluir que os grupos folclóricos não possuem um padrão de participantes, visto que a idade destes e o tempo que frequentam o grupo folclórico foram bastante variado. Entretanto, o dado de que apenas 35% dos folcloristas são descendentes de poloneses, demonstra que os grupos não são compostos unicamente pela comunidade polonesa, mas que pessoas descendentes de outras etnias também se interessam pela cultura polonesa e algumas, inclusive, fazem parte de grupos folclóricos. Esse dado conclui que o folclore polonês tem potencial para atrair pessoas que não tem descendência polonesa, ou seja, há potencial para atingir um público que não possui relação com a cultura em apresentações folclóricas.

Quanto a segunda parte do questionário realizado para os folcloristas, obteve-se que 34% dos folcloristas acreditam que o público assiste a um apresentação folclórica por causa dos “Familiares/conhecidos que dançam”, entretanto, a pesquisa com o público apresentou que essa não é a maior motivação. Sendo assim, concluiu-se que faltam informações aos folcloristas quanto ao público das apresentações e o impacto que o folclore pode causar, inclusive no turismo, como um produto cultural. Entretanto, como houve convergência quanto a nota que os folcloristas acreditaram que o público deu e a real nota dada pelo público, além de que os folcloristas sabem que o público presente na apresentação costuma assistir outras apresentações, pode-se dizer que os folcloristas têm percepção sobre a qualidade de suas apresentações, mas que lhes faltam informações sobre o público, dado que somente estará disponível a partir de pesquisas.

Sobre a última parte do questionário realizado aos folcloristas, quanto ao folclore em si, em seu primeiro questionamento, sobre o modo de fomento da cultura polonesa, obteve-se que, no geral os folcloristas apenas fomentam a cultura polonesa a partir de danças, cantos e informações em redes sociais e durante as apresentações. Entretanto, conforme pode ser comprovado pelo marco teórico, o folclore incorpora outros elementos que não somente os que foram citados e, sendo assim, pode-se concluir que os grupos folclóricos se limitam somente as apresentações de canto, dança e informações sobre a cultura como forma de fomento, perdendo assim, potencial de atratividade, tanto no setor turístico quanto para as próprias apresentações que, dentro das possibilidades de espaço e tempo, poderiam ser compostas por mais elementos folclóricos poloneses.

Além disso, analisou-se também a matriz de respostas abertas dos folcloristas e pode-se observar que a questão do fomento da cultura polonesa, para eles, está voltada para a questão do folclore, quando a questão da cultura esteve pouco presente nas respostas, o que apresenta a necessidade de busca pela representação da cultura como um todo e não somente da representação do folclore.

Entretanto, também pode-se concluir que os folcloristas sabem que o folclore que apresentam é uma forma de promoção da cultura polonesa e que, desta forma, eles estão promovendo o intercâmbio de culturas com o público.

Também é possível interpretar que estes folcloristas compreendem que o folclore é parte da cultura e que, por isso, há um significado sendo representado, isso se confirma a partir dos 85% de folcloristas que acreditam que o grupo transmite significado do folclore. A partir dessa confirmação, conclui-se que os folcloristas entendem a responsabilidade de interpretar o significado de um cultura.

Por fim, a última pergunta do questionário para os folcloristas demonstrou que 50% concorda com o modo que as apresentações são realizadas, enquanto os outros 50% acreditam que as melhorias poderiam ser realizadas a partir da “falta integração com o público” e “dar um significado as apresentações”. Esses dados confirmam que há possibilidade de desenvolvimento de apresentações folclóricas diferentes e que incluam outros elementos da cultura polonesa para, assim, haver mais integração com o público e mais significado nas apresentações.

Com a análise do questionário para o público, primeiramente teve-se como resultado o perfil do público, juntamente com a informação de que 61% dos

entrevistados não eram descendentes de poloneses, o que concluiu na pesquisa que o público que vai a uma apresentação não se limita aos descendentes de poloneses, mas também atrai pessoas que não tem essa ligação com a cultura, o que possibilita planejar um produto turístico que abrange esse público também.

Em outra conclusão, pode-se afirmar que o fato de haverem turistas no evento, gera a possibilidade de desenvolvimento do turismo, visto que a presença deles torna o evento passível de atrair mais turistas através de estratégias específicas e voltadas a esse público.

Através da análise da parte seguinte no questionário, pode-se observar que o público normalmente retorna a assistir outras apresentações, comprovando o fato de que o público presente nos eventos se interessa em retornar a outras apresentações, corroborando a conclusão anterior sobre a fidelização do público. A partir dessa afirmação, tem-se que o público que retorna a próximas apresentações também é um consumidor do produto cultural criado a partir do folclore polonês.

A partir das respostas negativas, a pergunta do porque o entrevistado nunca havia assistido a uma apresentação folclórica antes demonstrou que Curitiba é um local onde essa cultura é representada, visto que o entrevistado estava tendo a oportunidade de assistir à uma apresentação e os argumentos usados para explicar o motivo de não ter assistido antes foram “nunca tive oportunidade” e “nunca buscou por isso”.

Concluiu-se também, através da pesquisa, que a facilidade e a acessibilidade à apresentação são fatores essenciais para o folclore polonês, visto que 32% dos entrevistados estavam presentes na apresentação por causa da oportunidade. Sendo assim, é preciso melhorar a divulgação do evento para que as pessoas tenham conhecimento e possam comparecer com planejamento prévio e não somente pela oportunidade de visitar o local justamente no momento de estar ocorrendo um evento. Além disso, obteve-se 28% dos entrevistados como familiares ou conhecidos de dançarinos, o que torna os dançarinos agentes de divulgação do evento e um possível canal de divulgação. Também se pode dizer que a cultura polonesa é um dos fatores atrativos de pessoas para o evento, visto que 20% dos entrevistados a citaram como fator motivador, sendo assim, tem-se novamente um público potencial e real, além de que esse público representa a parcela de pessoas interessadas na cultura e que são consumidores de produtos culturais.

Conforme a nota que o público deu às apresentações folclóricas polonesas, tem-se que as suas expectativas foram superadas, sendo assim, pode-se dizer que as apresentações folclóricas são um produto de qualidade para o público interessado.

Pode-se também concluir que existe necessidade de haver mais informações sobre a cultura polonesa para o público, conforme o dado de que 35% dos entrevistados citam esse item como relevante na apresentação. Além disso, 18% dos entrevistados sugeriram que houvesse mais interação com o público, por isso, conclui-se que novos meios de interação com o público o faria estar mais satisfeito com a apresentação e também com o evento no geral.

Por fim, nas sugestões deixadas pelos entrevistados obteve-se que as apresentações podem apresentar mais interação com o público e isso seria um fator positivo, o que é representado na fala do entrevistado “que o público participasse. Mais interação com o público”. Além da melhoria das informações sobre a cultura que novamente foi citada em uma resposta conforme a seguinte fala “Apresentação da origem, como é e porquê. E mais contextualização”.

Além desses pontos, pode-se perceber a necessidade de melhorar a divulgação dos eventos e das apresentações, conforme se confirma pela seguinte resposta de um dos entrevistados: “poderia haver na propaganda uma sinopse ou resumo das apresentações”.

A partir da análise da entrevista semiestruturada aplicada com a gestora/coordenadora do Bosque João Paulo II, tem-se primeiramente a análise do perfil dela relacionado com o cargo que ela ocupa. Considerando as afirmações de que a gestora é, de fato nascida na Polônia e de que tem, em seu histórico de vida, participação na fundação da BRAPOL, além de participação em outras organizações polônicas, possui contato direto com o governo polonês, confirmado a partir do trecho de sua entrevista em que ela comenta ter sido indicada para gestão do bosque pelo próprio governo polonês, pode-se acreditar que a cultura polonesa está ligada à gestão do Bosque João Paulo II e que, portanto, as atividades e projeto ligados ao local tem relação com a cultura. Corroborando essa análise, tem-se o trecho em que a gestora informou que as atividades realizadas no bosque devem, como premissa, estarem ligadas a cultura, polonidade ou religião.

A análise da questão da gestão do bosque e das festividades traz o entendimento de que há um esforço conjunto para o desenvolvimento da cultura

polonesa, uma vez que há investimento tanto do governo estadual quanto municipal. Entretanto, também pode-se concluir que a concentração de toda a atividade da gestão das festividades em uma só pessoa pode gerar uma visão unilateral e pouca inovação.

Quanto aos grupos folclóricos, há o entendimento de que há pouca contribuição para o desenvolvimento das festividades, uma vez que os grupos tornam-se apenas atrações das festividades. Considerando a interpretação da gestora de que os grupos possuem potencial turístico e que possuem conhecimento da cultura, entende-se que a atuação desses grupos nas festividades como atrações utilização de potencial. Entretanto, não se deve considerar essa afirmação como falta de pró-atividade dos grupos, visto que, com a concentração das atividades de organização das festividades com a gestora do bosque, há pouca liberdade para construção de inovações a mais atuação dos grupos folclóricos.

## **6 PROJETO EM TURISMO: A REFORMULAÇÃO DOS EVENTOS DO BOSQUE JOÃO PAULO II**

Este capítulo tem por objetivo apresentar um projeto de reformulação dos eventos culturais poloneses que ocorrem no Bosque João Paulo II, apresentando as diretrizes de seu planejamento, organização e execução.

Neste capítulo será apresentada a descrição do projeto e as etapas para sua execução, considerando a descrição das etapas de execução, dos recursos humanos, do orçamento e do retorno de investimento.

### **6.1 DESCRIÇÃO DO PROJETO**

O projeto consiste na reformulação dos eventos festivos poloneses que ocorrem no Bosque do João Paulo II, em Curitiba, com a inclusão de outros elementos na promoção e fomento da cultura polonesa, além da dança e do canto. O projeto tem como objetivo incluir atividades em 5 eventos que acontecem no Bosque João Paulo II:

- Świąconka: consiste na Benção dos Alimentos na época da Páscoa;
- Homenagem à visita do Papa João Paulo II: ocorre sempre em julho;

- Festa da Padroeira da Polônia Nossa Senhora de Czestochowa: ocorre sempre em agosto;
- Pontificado de João Paulo II: ocorre sempre em outubro;
- Dia de Stanisław: dá início às festas de Natal e inclui o alto de natal polonês com representações tradicionais da cultura polonesa, ocorrendo sempre em dezembro.

O modo como o evento acontece hoje, inclui uma praça de alimentação, venda de artesanato polonês e a contemplação das representações folclóricas e religiosas polonesas. Entretanto, comprovando-se pelo marco teórico, entende-se que somente esses elementos não abrangem a total potencialidade de representação da cultura e do folclore polonês.

Assim, a reformulação objetiva inserir outros elementos da cultura polonesa no evento, atraindo mais pessoas e turistas a partir da maior interatividade com o público com atividades que proporcionem experiência ao público, além da divulgação ampla e estratégica.

Este novo formato de evento irá incluir workshops, palestras, rodas de conversação e outras atividades para o público, buscando o intercâmbio de culturas e ensinamentos sobre elementos da cultura, folclore e história da Polônia, como um minicurso básico de polonês, oficina de tranças, rodas de lendas folclóricas, geografia polonesa, palestra sobre alimentação polonesa e outros.

Como parte da proposta, os componentes dos grupos folclóricos estariam atuando diretamente nesse projeto a partir do planejamento, organização e execução dessas atividades extras durante os eventos.

Tem-se como objetivo principal a promoção e o fomento da cultura e do folclore polonês como parte da identidade cultural de Curitiba. Sendo que os resultados esperados dessa reformulação são: maior atratividade de turistas para os eventos do Bosque João Paulo II, gerando maior dinamismo no comércio do entorno; renda extra para os grupos folclóricos, a partir da cobrança de uma taxa simbólica para o público participar das atividades; retomada das raízes culturais, pois, como um elemento citado como fraco no questionário os gestores, os grupos teriam a possibilidade de buscar mais sobre a cultura e ainda poder transmitir os conhecimentos para o público interessado.

Como demanda real para o evento, tem-se o perfil caracterizado pela pesquisa de campo, ou seja, pessoas com idade entre acima dos 27 anos, em sua maioria do sexo feminino, acompanhadas por suas famílias e provindas de Curitiba e Região Metropolitana.

Já como demanda potencial, tem-se os turistas nacionais e internacionais, os descendentes de poloneses que tenham interesse em buscar pelas raízes culturais de seus ascendentes e as comunidades polonesas de outras localidades representadas por grupos folclóricos ou organizações polônicas.

Os eventos ocorrerão no Bosque do João Paulo II, o qual possui infraestrutura necessária, visto que se trata de um ambiente com casas típicas da imigração polonesa.

Assim, os cursos serão ministrados nos ambientes internos dessas casas e, quando possível, ao ar livre também, sempre atendendo-se aos cuidados necessários de sustentabilidade do ambiente e atendimento às normas impostas pela Fundação Cultural de Curitiba, evitando danos e prejuízos materiais e culturais, ainda considerando a capacidade de carga, descrita no Termo de Ajuste de Conduta, de até 10 pessoas dentro os ambientes interno das casas.

As atividades serão ministrados por integrantes dos grupos folclóricos e descendentes de poloneses que tem interesse em passar a cultura adiante e isso envolve o relacionamento direto dos envolvidos no projeto com a gestora do bosque.

Já a organização do evento, continuará sob gestão da coordenadora do Bosque do João Paulo II, que hoje já organiza os eventos que lá ocorrem, entretanto, a diferença será o acréscimo dessas atividades.

Para o envolvimento dos grupos folclórico, faz-se necessário um projeto de sensibilização, que inclui reuniões, divulgação e conversas com os integrantes e gestores dos grupos. O objetivo dessa sensibilização é apresentar os dados da pesquisa, as possibilidades de desenvolvimento do folclore e da cultura polonesa, os benefícios para os grupos folclóricos e as normas e regras de utilização dos espaços, afim de estimular o envolvimento dos deles, considerando as obrigações e cuidados com o espaço das casas de madeira.

As atividades nos dias dos eventos deverão ser planejadas antecipadamente com cronograma previsto e previamente divulgado junto com a divulgação do evento.

O Bosque João Paulo II é um local onde a cultura polonesa já é representada, através da arquitetura das casas, artesanato e dos eventos que lá ocorrem, entretanto, como percebido através da pesquisa de campo, esses eventos possuem possibilidade de melhoria o que acarretaria em: maior fluxo turístico para o local gerando maior renda para os empreendedores que colaboram com o evento e também para o comércio no entorno; renda extra para os grupos folclóricos poderem fazer melhorias nos trajes e capacitações; consolidação da imagem de Curitiba como um polo da imigração polonesa, gerando demanda turística de turistas interessados em turismo cultural e na cultura polonesa; Melhoria na utilização do espaço público já existente;

As atividades serão realizadas durante os eventos no Bosque do João Paulo II com cronograma pré-estabelecido e divulgado, local agendado e mediante inscrição feita no próprio dia. Os ministrantes serão voluntariados e os cursos terão valor monetário simbólico, renda que será revertida em benefícios para os grupos folclóricos que os ministrarem.

A princípio, os custos do projeto são em materiais de divulgação e materiais usados nos cursos, caso necessário. Entretanto, estes custos deverão estar inclusos no valor da inscrição, que deverá variar conforme os materiais necessários para sua realização.

## 6.2 ETAPAS PARA EXECUÇÃO DO PROJETO

Abaixo serão descritas as etapas para a execução do projeto, assim como os recursos humanos necessários, o orçamento e o retorno de investimento do projeto.

Como forma de planejar um evento e suas atividades, Fortes e Silva (2011, p. 55) sugere que as “atividades sejam divididas em três etapas: o pré-eventos, [...] a execução, [...] e a fase pós evento”. Para a autora, a primeira fase é composta pelo planejamento e organização, que incluem a definição, avaliação e escolha das atividades (FORTES; SILVA, 2011, p. 49), a segunda fase compreende a efetivação de contratos, monitoramento das atividades e avaliação das atividades implementadas (FORTES; SILVA, 2011, p. 57-58) e a última fase inclui a finalização do evento, elaboração do relatório final e feedback (FORTES; SILVA, 2011, p. 58-59).

Desta maneira, o presente capítulo busca dar diretrizes para essas 3 fases de organização de um evento, considerando que abaixo estão descritas as etapas no projeto, caracterizam se as etapas 1, 2, 3 e 4 como sendo de pré-evento no conceito de Silva, a etapa 5 é a de execução e a última etapa do evento é enquadrada como de pós-evento.

#### 6. 2. 1 Descrição das Etapas para a Execução do Projeto;

A primeira etapa do projeto é conseguir a aprovação do projeto junto à Fundação Cultural de Curitiba e a gestão do Bosque João Paulo II, implicando na solicitação feita pelo site e, depois, negociação da autorização com os responsáveis.

A segunda etapa é composta pela sensibilização dos grupos folclóricos. Para essa etapa, as atividades chave são realizar reuniões com os grupos folclóricos para expor os dados da pesquisa, o projeto e os benefícios para o grupo folclórico, sempre enfatizando as normas de uso do local. Ela deverá ocorrer no período de 1 mês e o resultado obtido deverá ser atingir todos os grupos folclóricos de Curitiba e Região Metropolitana, sensibilizando-os a compor o projeto com uma atividade proposta para o evento seguinte.

Após a sensibilização dos grupos, a terceira etapa apresenta o planejamento das atividades, onde será necessária a comunicação entre os grupos folclóricos para definição das atividades do evento, custos e responsáveis por cada uma das atividades e também comunicação com a gestora do bosque, para adequação de ideias, regras de uso e atividades. Deverá ser levado em conta o impacto das atividades no ambiente do Bosque João Paulo II, ou seja, não poderão ser realizadas atividade que danifiquem a estrutura das casas de madeira, para isso, deverá ser lavado em conta a atividade e os materiais necessários para sua realização e, caso haja alguma atividade ou algum material que apresente risco a estrutura das casas, a atividade deverá ser planejada em ambiente externo ou deverá se adequar ao ambiente interno.

Já na quarta etapa será elaborado o material de divulgação e as estratégias de comunicação junto à gestora do bosque, havendo a premissa de divulgação em espaços turísticos e de uso turístico, como hotéis, postos de informação e etc. Para essa atividade, uma parceria chave é com o Instituto Municipal de Turismo, que poderá colaborar com a inclusão do material de divulgação em redes sociais, postos

de informações turísticas e na linha turismo. O envolvimento da gestora nessa etapa do projeto torna-se essencial a partir do fato que ela possui uma grande rede de contatos relacionados à comunidade polonesa.

A quinta etapa será composta pela execução das atividades no evento, havendo necessidade de controle do horário, seguimento do planejamento e adequação das atividades de forma a não prejudicar as apresentações de dança e cantos folclóricos dos grupos.

A última etapa é a de avaliação e acompanhamento, ou seja, as atividades deverão apresentar um feedback ao final para avaliação do público e também será necessário uma breve análise dos cursos para os grupos de forma a verificar novas necessidades ou mudança no planejamento dos próximos eventos. Nesse feedback deverá ser apresentado um relatório de impacto que apresentará possíveis danos a estrutura do Bosque João Paulo II. O acompanhamento servirá para mensurar quais os resultados obtidos pelo projeto e exigirá uma nova pesquisa de demanda para verificar o impacto na mudança do evento.

#### 6. 2. 2 Descrição dos Recursos Humanos envolvidos em cada etapa;

Considerando a primeira etapa do projeto a autorização da Fundação Cultural e da Coordenadora do Bosque do Para, faz-se necessário a participação da autora do projeto para essa etapa. O mesmo ocorre na segunda etapa, de sensibilização dos grupos folclóricos, na qual a autora participará na apresentação do projeto em reuniões com os grupos folclóricos.

A partir da terceira etapa, onde já haverá a sensibilização dos componentes dos grupos folclóricos, os folcloristas que se propuserem a participar do projeto, farão o planejamento das atividades dos eventos junto com a autora do projeto.

A quarta etapa demanda o auxílio de alguém com conhecimento específico de design e marketing, para elaboração do material de divulgação. Primeiramente, deve-se buscar alguém com tal conhecimento dentro dos grupos folclóricos e buscar que tal material seja elaborado voluntariamente. De outra forma, caso não se consiga um voluntário para tal atividade, os participantes do projeto (folcloristas sensibilizados e autora) deverão buscar outra alternativa, como a busca por empresas especializadas com orçamentos a baixo custo.

As últimas duas etapas, de execução de acompanhamento, deverão ser realizadas pelos participantes do projeto, que deverão executar as atividades planejadas e aplicar feedback com os participantes das atividades.

Durante as etapas do projeto, será necessário envolver os componentes dos grupos folclóricos como agentes do planejamento do evento e das atividades, assim, propõe-se que sejam realizadas 7 atividades no primeiro evento, devido esse número ser correspondente ao de casas de madeira. Assim, será necessário 7 responsáveis pelas atividades, mas esse número é variável, visto que dependerá da necessidade da atividade, esses colaboradores serão responsáveis pela aplicação do feedback dos participantes das atividades.

O projeto suspende a necessidade de serviços terceirizados, mas apresenta o Instituto Municipal de Turismo como um parceiro-chave para o sucesso a partir de auxílio em divulgação, assim como o estabelecimento de uma parceria estável e benéfica com a Fundação Cultural de Curitiba para melhor uso do espaço, visto que, além da autorização, a Fundação poderá contribuir com informações e premissas para o uso do espaço.

### 6. 2. 3 Descrição do Orçamento e dos desembolsos por etapa;

O orçamento final não será apresentado neste projeto, pois ele depende de definições da etapa de planejamento e das estratégias de divulgação definidas na etapa de divulgação.

Não existem custos fixos para a implantação desse projeto, visto que os custos com limpeza, local e infraestrutura são pagos a partir de parcerias do Bosque João Paulo II.

Já os custos variáveis são definidos dependendo das atividades realizadas e escolhidas na etapa de planejamento. Caso a atividade exija materiais específicos, esses custos deverão ser inclusos no custo da inscrição.

Assim, estima-se que o orçamento do projeto seja o custo dos materiais necessários para os cursos multiplicado pela quantidade de participantes das atividades conforme exemplo abaixo para uma atividade planejada para 10 pessoas:

Item	Custo por unidade	Quantidade	Total estimado
Papel	R\$ 0,05	30	R\$ 1,50
Canetas	R\$ 1,20	10	R\$ 12,00
Lapis coloridos	R\$ 6,90	3	R\$ 20,70
Impressões	R\$ 0,15	10	R\$ 1,50
			R\$ 35,70

QUADRO 11 – EXEMPLO DE ORÇAMENTO DE CUSTOS DO PROJETO  
 FONTE: a Autora (2016)

Assim, os custos serão divididos pelo número de participantes e acrescidos no valor da inscrição. Neste exemplo, seriam acrescidos R\$ 3,57 para cada participante.

#### 6. 2. 4 Avaliação do retorno do investimento;

Como o objetivo principal desse projeto é promover e fomentar a cultura e o folclore polonês como parte da identidade cultural de Curitiba, o retorno do investimento será medido através de indicadores que apontam o êxito do projeto. Assim, os seguintes indicadores e metas são propostos:

Indicador	Meta		
	1º evento	2º evento	3º evento
Aumento dos participantes no folclore polonês	1	1	2
Quantidade de pessoas inscritas nas atividades	7	10	12
Quantidade de turistas nas atividades	2	3	5
Lucro dos Grupos Folclóricos	R\$ 100,00	R\$ 130,00	R\$ 150,00
Quantidade de componentes dos grupos participando do projeto	3	5	6
satisfação do público com as atividades	8	8	9

QUADRO 12 – INDICADORES DO PROJETO  
 FONTE: A Autora (2016)

Esses indicadores visam observar, a partir de uma análise quantitativa, se o projeto obteve êxito ou não. Eles serão coletados após o fim de cada evento e as informações serão contabilizadas a partir de feedbacks com os participantes das atividades e registros sobre o desenvolvimento do projeto.

O retorno financeiro dos grupos folclóricos é um valor que será acrescido ao preço da inscrição da atividade que o público pagaria para participar. Além do lucro dos grupos, está incluso no valor da inscrição os materiais utilizados para a realização da atividade.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme visto ao longo do trabalho, a imigração polonesa para Curitiba ocorreu em diversos momentos da história, mas consolidando-se a partir da conjuntura de necessidade de mão-de-obra no Brasil e excesso de mão de obra na Europa. Dessa maneira, os imigrantes poloneses, assim como os de outras etnias, instalaram-se em terras brasileiras a partir de incentivos do governo, que na época era gerido por Dom João XI e depois, Dom Pedro I. Com essa migração para um país diferentes, os imigrante poloneses precisaram se adequar às novas condições de moradia, entretanto, buscaram permear suas culturas natais para seus descendentes a traves de elementos da cultura e do folclore.

Em virtude da tese apresentada, pode-se acreditar que a imigração polonesa para Curitiba e toda a conjuntura do Brasil colonial causou tal impacto a ponto de influenciar na identidade do povo, levando a crer que é possível o desenvolvimento de um projeto que envolva turismo, folclore e cultura a partir do conhecimento gerado durante essa face da história do Paraná e Curitiba.

Com efeito, a imigração polonesa trouxe com si a cultura de um povo e a vontade de estabelecer relações com a terra receptora, gerando a permanência da cultura por descendentes. Essa situação é vista hoje tanto pelas organizações polonicas no Brasil, pelos grupos folclóricos que disseminam o folclore polonês a partir de apresentações a diferentes público, quanto pelas comunidades polonesas que buscam manter costumes e tradições, inclusive religiosas.

Considerando que, por toda a discussão apresentada nesse trabalho, a cultura polonesa é presente em Curitiba e faz parte da construção cultural e identitária do povo Curitibaño que pode ser considerado como um laboratório de etnias. Sendo assim, é justo que essa identidade se permeie e seja parte do produto turístico local, como foi desenvolvido no quinto capítulo deste trabalho.

Como produto final, tem-se que há espaço para o desenvolvimento de um produto cultural-folclórico polonês em Curitiba e que este produto já conta com uma demanda real, além da demanda potencial.

A partir da análise deste trabalho, observou-se que o objetivo específico apresentar o contexto da cultura polonesa em Curitiba-PR, foi cumprido a partir da construção teórico do segundo capítulo, onde é apresentado o contexto da imigração polonesa para o Brasil, Paraná e Curitiba e também os conceitos de

turismo, cultura e folclore que corroboram para a apresentação do contexto polonês em Curitiba.

Observou-se também que o objetivo específico identificar a forma que o folclore polonês é representado ao público em Curitiba-PR foi cumprido a partir da descrição dos dados coletados durante a pesquisa de campo, que apresentam a forma como o folclore é apresentando, com danças e cantos.

Quanto ao objetivo específico de criar um projeto de promoção da cultura polonesa em Curitiba-PR a partir do folclore polonês, tem-se o quinta capítulo, com a descrição e etapas do projeto que reformula os eventos do Boque João Paulo II, visando promover a cultura polonesa a partir dos elementos folclóricos poloneses que ainda não são representados em apresentações dos grupos folclóricos.

Ao fim, tem-se o objetivo geral de apresentar o folclore polonês como um produto de turismo cultural em Curitiba cumprido a partir da convergência entre os capítulos apresentados: união da teoria sobre imigração polonesa, turismo, cultura e folclore junto da pesquisa que apresentou o folclore apresentado em Curitiba.

Pela observação dos aspectos pesquisado, entende-se que a hipótese de o folclore polonês ser representado de diversas formas em Curitiba-PR foi refutada, pois somente houve a comprovação do aspecto da dança e do canto.

Já a hipótese que julga que o folclore polonês já possui relação com o turismo pode ser considerada validada, pois a pesquisa de campo comprovou a presença de visitantes de cidades vizinhas e também de turistas brasileiros e estrangeiros.

Quanto a hipótese dos eventos culturais poloneses em Curitiba possuírem potencial turístico, constata-se validade, visto que a presença de turistas no evento representa a potencialidade do atrativo.

A última hipótese que apresentaria a não existência de incentivo público para o desenvolvimento do folclore em Curitiba e região metropolitana também foi validada, conforme a análise do questionário aplicado aos gestores, que apresentaram diversas dificuldades e empecilhos para a promoção do folclore, além da negativa quando perguntados sobre tal incentivo.

Hoje, apresentam-se no Bosque João Paulo II, eventos culturais poloneses que buscam representar a etnia, sua religião, cultura e folclore, mas que não consideram todos os elementos que envolvem essa cultura e a experiência do público que poderia receber mais informações e interação com esses elementos.

Como diretrizes e sugestões, cita-se o desenvolvimento de fato do projeto aqui apresentado como uma forma de busca pelas raízes culturais, promoção do folclore e atração de turistas que auxiliarão no desenvolvimento econômico do entorno do Bosque João Paulo II, da comunidade polonesa em si e dos grupos folclóricos. Também sugere-se a busca pelo desenvolvimento de outros elementos culturais e folclóricos poloneses dentro dos grupos folclóricos.

Como aprendizado, este trabalho proporcionou maior entendimento sobre a cultura e o folclore polonês, abrindo oportunidade para mais estudo sobre o assunto que pode-se considerar interessante tanto para os gestores do turismo de Curitiba quanto para a comunidade polonesa e também para o governo polonês, que tem a oportunidade de observar o resgate de sua cultura por parte dos descendentes dos imigrantes poloneses.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. Cultura Popular, Um Conceito E Várias Histórias. In: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. **Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 1-18.

ASSAD, Leonor. **Nova onda de estrangeiros chega ao Brasil**. Cienc. Cult. [online]. 2012, vol.64, n.2, pp. 11-13. ISSN 0009-6725.

ARENARI, Brand. **Um outro olhar sobre a modernidade**: breves apontamentos sobre a formação da sociologia alemã in: Emil Sobottka. A Modernidade como desafio teórico: ensaio sobre o pensamento social alemão, páginas 35-. EDIPUCRS, 2008.

ASSOCIAÇÃO INTER-ÉTNICA DO PARANÁ. **Grupos folclóricos do Paraná**. Disponível em: <<http://www.thecities.com.br/artigo/Brasil/Paraná/cultura/folclore/933/>>. Acesso em: 22 maio 2016.

BARRETO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 4.ed. Campinas, SP: Papyrus, 1998. 164p.

BARRETO, Margarita. **O Imprescindível Aporte Das Ciências Sociais Para O Planejamento E A Compreensão Do Turismo**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 20, n. 9, p.15-29, out. 2003.

BAUMAN, Richard (Ed.). **Folklore, Cultural Performances, and Popular Entertainments**. Nova Iorque: Oxford, 1992. 313 p.

BENJAMIN, Roberto. **Conceito De Folclore**. Encontro Com O Folclore, São Paulo, p.1-2, jun. 2008. Disponível em: <[http://www.unicamp.br/folclore/Material/extra\\_conceito.pdf](http://www.unicamp.br/folclore/Material/extra_conceito.pdf)>. Acesso em: 20 maio 2016.

BENJAMIN, Roberto. Espetacularização da cultura e refuncionalidade dos grupos folclóricos. In: congresso brasileiro de folclore, 10., 2004, São Luis. **Anais do 10º Congresso Brasileiro de Folclore**. São Luis: Mundicarmo Ferretti (cmf), 2004. p. 73 - 76.

BERTONHA, João Fábio. **Imigrantes di Império Austro-Húngaro no Brasil**: uma agenda de pesquisa. In: DIETRICH, Ana Maria; MOURA, Carlos André Silva de; SILVA, Eliane Moura da (Org.). Viajantes, Missionários e Imigrantes: Olhares sobre o Brasil. Campinas: Unicamp, 2013. p. 127-149. (IDÉIAS 13).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Folclore**. São Paulo: Brasiliense, 1982. 111 p. (Coleção primeiros 60 passos).

BRASIL. ASSEMBLÉA GERAL. Constituição (1871). Lei nº 2.040, de 28 de setembro de 1871. **Lei do Ventre Livre**. Rio de Janeiro, RJ: Paço do Senado, Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/496715>>. Acesso em: 11 abr. 2016a.

BRASIL. ASSEMBLÉA GERAL. Constituição (1888). Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888. **Lei Áurea**. Rio de Janeiro: Paço do Senado, Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/385454>>. Acesso em: 11 abr. 2016b.

BRASIL. Instituto de Planejamento Econômico e Social (Ed.). **Colonização Dirigida no Brasil: suas possibilidades na Região Amazônica**. Por I. TAVARES, Vania Porto, II. CONSIDERA, Claudio Monteiro, III. SILVA, Maria Thereza I. I. de Castro. Rio de Janeiro: Ipea/inpes, 1972. 202 p. (8).

BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA. Incentivo a Projetos Culturais. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/incentivofiscal>>. Acesso em: 26 out. 2016c.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural - terceiros e quarto ciclos do ensino fundamental**. Versão preliminar para discussão nacional, Brasília: MEC/SEF, 1997.

BUCHMANN, Ecame Tomich. **A Trajetória do Sol: Um estudo sobre a identidade do imigrante polonês no sul do Brasil**. Curitiba: Farol do Saber, 1995. 142 p.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**, São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

CALABRE, Lia. **Políticas Culturais no Brasil: balanço e perspectivas**. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 3., 2007, Salvador. Trabalho apresentado no III ENECULT. Salvador: Ufba, 2007. p. 1 - 18. Disponível em: <[http://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Calabre-politicas\\_culturais\\_no\\_brasil\\_balanco\\_e\\_perspectivas.pdf](http://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Calabre-politicas_culturais_no_brasil_balanco_e_perspectivas.pdf)>. Acesso em: 21 maio 2016.

CARDOZO, Poliana Fabíula. **Considerações preliminares sobre produto turístico étnico**. Passos: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, Santa Cruz de Tenerife, v. 4, n. 2, p.143-152, abr. 2006. Disponível em: <<http://www.pasosonline.org/Publicados/4206/PASOS08.pdf#page=19>>. Acesso em: 22 maio 2016.

CARVALHO, Ana Alexandra Rodrigues. **Os museus e o patrimônio cultural imaterial: Estratégias para o desenvolvimento de boas práticas**. 2009. 223 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Museologia, Departamento de História, Universidade de Évora, Évora, 2009. Disponível em: <[https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/16929/1/TESE Os Museus e o PCI 2009.pdf](https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/16929/1/TESE%20Os%20Museus%20e%20o%20PCI%202009.pdf)>. Acesso em: 20 maio 2016.

COELHO, Teixeira. **O Que É Indústria Cultural**. Brasília: Editora Brasiliense, 1980

COMISSÃO DE NORMALIZAÇÃO SIBI – UFPR. (Curitiba). **Orientação para Normalização de Trabalhos Acadêmicos**. Curitiba: UFPR, 2016. Disponível em: <[http://www.portal.ufpr.br/tutoriais\\_normaliza/modelo\\_monografia.pdf](http://www.portal.ufpr.br/tutoriais_normaliza/modelo_monografia.pdf)>. Acesso em: 22 out. 2016.

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE (Salvador). **Carta Do Folclore Brasileiro**, 1995. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/carta.pdf>>. Acesso em: 19 maio 2016.

CORRÊA, Lucelinda Schramm. **As políticas públicas de imigração europeia não-portuguesa para o Brasil: de Pombal à República**. Revista Geo-paisagem, Niterói, v. 8, n. 4, jul-dez. 2005. Disponível em: <<http://www.feth.ggf.br/Migração.htm>>. Acesso em: 07 abr. 2016.

CURITIBA. INSTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO DE CURITIBA. (Ed.). **A Cidade**. Disponível em: <<http://www.turismo.curitiba.pr.gov.br/conteudo/a-cidade/4>>. Acesso em: 22 maio 2016.

CURITIBA. Secretaria Municipal do Meio Ambiente. Parques e Bosques: Bosque João Paulo II. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/parques-e-bosques-bosque-j-paulo-ii/277>>. Acesso em: 06 out. 2016.

DA MATTA R. Você tem cultura? In: Da Matta R, organizador. **Ensaio de sociologia interpretativa**. Rio de Janeiro (RJ): Rocco; 1986.

DE OLIVEIRA, M. XXV Simpósio Nacional De História, 2009, Fortaleza. **Os Poloneses Do Paraná (Brasil) E A Questão Da Nacionalização Dos Imigrantes (1920-1945)**. Fortaleza: Anpuh, 2009. 9 p.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Etnias e culturas no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2980. 208 p.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel. **Imigração, Urbanização e Industrialização**. 5. ed. Rio de Janeiro: Gb, 1964. 385 p.

DIETRICH, Ana Maria; MOURA, Carlos André Silva de; SILVA, Eliane Moura da (Org.). **Viajantes, Missionários e Imigrantes: Olhares sobre o Brasil**. Campinas: Unicamp, 2013. 311 p. (IDÉIAS 13).

ESTRADA, Osório Duque. **A Abolição**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005. 235 p. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/1118/743384.pdf?sequence=3>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

FERREIRA, Luciana. Os Murais De Poty Lazzarotto Na Cidade De Curitiba. In: **Fórum De Pesquisa Científica Em Arte**, Não use números Romanos ou letras, use somente números Arábicos., 2011, Curitiba. Anais do VIII Fórum de Pesquisa Científica em Arte. Curitiba: Artembap, 2011. p. 1 - 12. Disponível em:

<[http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/Forum/Anais\\_VIII/004\\_Luciana\\_Ferreira.pdf](http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/Forum/Anais_VIII/004_Luciana_Ferreira.pdf)>. Acesso em: 01 out. 2016.

FOETSCH, Alcimara Aparecida. **Paisagem, cultura e identidade**: os poloneses em rio claro do sul, Mallet (pr). Revista Caminhos de Geografia, Uberlândia, v. 8, n. 21, p.59-72, jun. 2007. Disponível em:

<<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15512/8783>>. Acesso em: 30 set. 2016.

FONSECA, Maria Cecília Londres. **Referências Culturais**: Base para novas políticas de patrimônio. Políticas Sociais: acompanhamento e análise, Brasil, v. 1, n. 2, p.111-120, jun. 2001. Disponível em:

<[http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4775/1/bps\\_n.2\\_referencia\\_2.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4775/1/bps_n.2_referencia_2.pdf)>. Acesso em: 20 maio 2016.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA. **Termo de Ajuste de Condutas**. Curitiba, 2015. Disponível em:

<[http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/pub/file/Memorial\\_Polones\\_Termo de Condutas.pdf](http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/pub/file/Memorial_Polones_Termo de Condutas.pdf)>. Acesso em: 22 out. 2016.

FORTES, Waldyr Gutierrez; SILVA, Mariângela Benine Ramos. **Eventos: estratégias de planejamento e execução**. São Paulo: Summus Editorial, 2011. 230 p.

GONÇALVES, Paulo Cesar. **Mercadores de Braços**: Riqueza e Acumulação na Organização de Emigração Européia para o Novo Mundo. 2008. 518 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-30092008-162725/en.php>>. Acesso em: 26 abr. 2016.

GREGORY, Valdir. Imigração Alemã. In: RIO DE JANEIRO. Ibge. Centro de Documentação (Ed.). **Brasil: 500 anos de povoamento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ibge, 2007. Cap. 7. p. 141-159.

GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial**: Migrações no Oeste do Paraná (1940-1970). 2. ed. Cascavel: Edunioeste, 2008. 264 p.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural Na Pós-Modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Dp&a Editora, 2006. 102 p.

HOLTMAN, Cecília Szenkowicz; JOHANSEN, Elizabeth. **Museus e patrimônio cultural**: Ações educativas da casa da cultura Padre Karol Dworaczek para preservação do legado cultural polonês em São José dos Pinhais. Ateliê de História, Ponta Grossa, v. 2, n. 1, p.11-20, jul. 2014. Disponível em: <<http://177.101.17.124/index.php/ahu/article/view/6467>>. Acesso em: 06 maio 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro, 2000. p. 226.

INSTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO (Curitiba). **Pesquisa De Perfil, Comportamento E Opinião Linha Turismo Curitiba - 2014**. Curitiba, 2014. Disponível em:

<<http://multimedia.turismo.curitiba.pr.gov.br/2015/2/pdf/00000464.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2016.

INSTITUTO MUNICIPAL DE TURISMO (Curitiba). **Pesquisa De Demanda Turística, Perfil E Opinião Curitiba – 2012**. Curitiba, 2012. Disponível em: <<http://multimedia.turismo.curitiba.pr.gov.br/2014/10/pdf/00000328.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2016.

KAEPLER, Adrienne L.. Dance. In: BAUMAN, Richard (Ed.). **Folklore, Cultural Performances, and Popular Entertainments**. Nova Iorque: Oxford, 1992. Cap. 27. p. 196-203.

KLEIN, Herbert S.. **Migração Internacional na História das Américas**. In: FAUSTO, Boris (Org.). Fazer a America. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 1-577.

LEMINSKI, Paulo. **Toda Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 424 p.  
MACHADO, Paulo Pinheiro. **A política de colonização do Império**. Porto Alegre: Editora da Universidade/ufrgs, 1999. 140 p.

MACHADO, Sidnei. **Trabalho escravo e trabalho livre no Brasil**: Alguns paradoxos históricos do direito do trabalho. Revista da Faculdade de Direito Ufrpr, Curitiba, v. 38, n. 0, p.151-158, jul. 2003. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/direito/article/view/1766/1463>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

MALCZEWSKI, Zdzisław. Ślady polskie w Brazylii: **Marcas da presença polonesa no Brasil**. Varsóvia: Biblioteka Iberyjska, 2008. 320 p.

MATINS, Roselene de Cássia Coelho. **Colonização e Política**: Debates no final da escravidão. Rio de Janeiro: Ateliê, 2007. 156 p.

MOLETTA, Vânia Florentino. **Turismo Cultural**. Porto Alegre: SEBRAE/RS. 1998

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Nós e Eles**: Relação cultural entre brasileiros e imigrantes. Rio de Janeiro: Editora Fgv, 2006. 167 p.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **O Brasil dos imigrantes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2002. 81 p

OLIVEIRA, Márcio de. **Os poloneses do paraná (brasil) e a questão da nacionalização dos imigrantes (1920-1945)**. In: XXV Simpósio Nacional De História, 2009, Fortaleza. ANPUH. Fortaleza: Anpuh, 2009. p. 1 - 9. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0879.pdf>>. Acesso em: 06 maio 2016.

PARANÁ. SECRETARIA DE ESTADO DO TURISMO. . **Etnias**. Disponível em: <<http://www.cidadao.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=77>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

PELEGRINI, Sandra C. A.. **A gestão do patrimônio imaterial brasileiro na contemporaneidade**. História, São Paulo, v. 2, n. 27, p.145-173, nov. 2008.

PÉREZ, Xerardo Pereiro. Patrimonialização e transformação das identidades culturais. In: PORTELA, José; CALDAS, João Castro. **Portugal Chão**. Oeiras: Celta Editora, 2003. p. 231-247.

PÉREZ, Xerardo Pereiro. **Turismo cultural: Uma visão antropológica**. 2. ed. Tenerife: Aca y Pasos, Rtpc, 2009. 307 p. Disponível em: <[https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/4613/1/livro\\_tc\\_xerardo.pdf](https://repositorio.utad.pt/bitstream/10348/4613/1/livro_tc_xerardo.pdf)>. Acesso em: 22 maio 2016.

PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica Do Brasil**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 280 p. Disponível em: <[http://resistir.info/livros/historia\\_economica\\_do\\_brasil.pdf](http://resistir.info/livros/historia_economica_do_brasil.pdf)>. Acesso em: 25 abr. 2016.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Identidade Nacional no Brasil**. Tempo Social; Ver Sociol. USP, São Paulo, 1 (1); 29-46. 1 sem 1989

REIS, António Leocádio Cabral e SILVEIRA, Marcos Aurélio Tarlombani (s/d), **A imigração polonesa no território Paranaense**, in: Secretaria de Estado da Educação. [www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1756-8.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1756-8.pdf) Acedido em: 06 Maio. 2016.

REIS, J. J. Presença Negra: conflitos e encontros. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro, 2000. p.91.

RIBEIRO, Marcelo. Festas populares e turismo cultural: Inserir e valorizar ou esquecer? O caso dos Muçanbiques de Osório, Rio Grande do Sul. **Passos: Revista de Turismo y Patrimonio cultural**, Islas Canarias, v. 2, n. 1, p.47-56, abr. 2004.

SANTOS, Cleyton Rodrigues dos. **A exploração do trabalho imigrante na economia agrária brasileira: uma análise marxista acerca da imigração europeia no final do século XIX e início do século XX**. 2002. 72 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Econômicas, Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas de Presidente Prudente, Presidente Prudente, 2002. Disponível em: <<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/revista/index.php/Juridica/article/view/42/48>>. Acesso em: 07 abr. 2016.

SANTOS, J.L. dos. **O que é cultura**. São Paulo, Brasiliense, 2001.

SANTOS, Nicolau Gabriela dos; GABRIELLI, Cassiana Panissa. Turismo de Base Comunitária e Patrimônio Cultural Imaterial no Nordeste Brasileiro. In: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 6., 2014, Fortaleza. **XI Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo 24 a 26 de setembro de 2014 – Universidade do Estado do Ceará - UECE**. Fortaleza: Uece, 2014. p. 1 - 16. Disponível em:

<[http://www.anptur.org.br/novo\\_portal/anais\\_anptur/anais\\_2014/arquivos/DTP/DTP3-DTP5/126.pdf](http://www.anptur.org.br/novo_portal/anais_anptur/anais_2014/arquivos/DTP/DTP3-DTP5/126.pdf)>. Acesso em: 29 maio 2016.

SCHILLING, Isabel Conti. **Os Traços Da Identidade Cultural Polonesa Nas Práticas Educacionais Da Escola Casemiro Stachurski**. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DA LINHA "EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E MEMÓRIA", 1., 2010, Criciúma. Anais. Criciúma: Ediunesc, 2010. v. 1, p. 1 - 17. Disponível em: <<http://periodicos.unesc.net/SELM/article/view/463>>. Acesso em: 19 maio 2016.

SEYFERTH, Giralda. **Colonização, imigração e a questão racial no Brasil**. Revista USP, 53, p. 117-149, 2002

VALENTIM, Alexandre. **Portugal e a abolição do tráfico de escravos (1834-51)**. Análise Social, Lisboa, v. 3, n. 26, p.293-333, jul. 1991. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223038698G8jRF9au8NI18MP8.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2016.

VASCONCELOS, João. **Estéticas e políticas do folclore**. Análise Social, Lisboa, v. 36, n. 158/159, p.399-433, jul. 2001. Semestral.

VITONSKI, Sandro Zimny. **Polono-Brasileiros Revelam Impressões De Sua Alma**. Polonicus: Revista de reflexão Brasil-Polônia, Curitiba, v. 3, n. 1, p.149-152, jan/jul. 2011. Semestral. Disponível em: <[http://www.polonicus.com.br/arquivos/pdf-pt-2012-08-21\\_15-24-21.pdf](http://www.polonicus.com.br/arquivos/pdf-pt-2012-08-21_15-24-21.pdf)>. Acesso em: 06 maio 2016.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Abranches**: Um estudo de história demográfica. Curitiba: Editora Gráfica Vicentina Ltda, 1976. 84 p.

WACHOWICZ, Ruy. **História do Paraná**. 9. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001. 360 p.

WEBER, Regina. Imigração e identidade étnica: temáticas historiográficas e conceituações. **A Dimensões**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p.236-250, 3 out. 2006.

## APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO PARA GESTORES

### TCC - O folclore polonês como um elemento de turismo e cultura em Curitiba - Gestores

O seguinte questionário compõe um trabalho de conclusão de curso do Curso de Turismo da Universidade Federal do Paraná. Os dados serão restritos à pesquisa e ajudaram a construir um novo produto turístico cultural a partir do Folclore Polonês no Paraná. A entrevista será dividida em 3 momentos: Perguntas gerais, perguntas sobre o público que assiste à apresentações e perguntas sobre o folclore polonês

1. Idade
  - a) 16 ou menos
  - b) de 16 a 26
  - c) de 27 a 47
  - d) 48 ou mais
2. É descendente de Polonês?
  - a) Sim
  - b) Não
  - c) Não, mas possui contato com a cultura
3. A quanto tempo participa de grupo folclórico?  
\_\_\_\_\_
4. Na sua opinião, o que motiva um público a assistir uma apresentação folclórica pública?
  - a) Oportunidade
  - b) A Curiosidade
  - c) Familiares/conhecidos que dançam
  - d) A cultura polonesa
  - e) Outros. Qual?

De 10 para superou às expectativas e 1 para não atendeu às expectativas, qual nota média você acredita que o público daria?
5. \_\_\_\_\_
6. O público que assiste a uma apresentação, costuma ir a outras?
  - a) Sim
  - b) Não
7. O grupo folclórico realiza ou participa de eventos de incentivo a cultura polonesa? Se sim, quais?
  - a) sim
  - b) não
8. Se sim, quais?  
\_\_\_\_\_
9. Qual o perfil do público que costuma ir a apresentações do grupo folclórico?  
\_\_\_\_\_
10. A organização realiza ou participa de eventos com teor turístico?
  - a) Sim
  - b) Não
  - c) Não sabe dizer
11. Se sim, quais?  
\_\_\_\_\_
12. De que forma o grupo busca transmitir o significado do folclore polonês para o público?  
\_\_\_\_\_
13. Há alguma forma de incentivo público para o folclore?  
\_\_\_\_\_
14. Existe algum empecilho para a promoção do folclore? Quais as dificuldades?  
\_\_\_\_\_

## APÊNDICE 2 - QUESTIONÁRIO PARA FOLCLORISTAS

### TCC - O folclore polonês como um elemento de turismo e cultura em Curitiba - Folcloristas

O seguinte questionário compõe um trabalho de conclusão de curso do Curso de Turismo da Universidade Federal do Paraná. Os dados serão restritos à pesquisa e ajudaram a construir um novo produto turístico cultural a partir do Folclore Polonês no Paraná. A entrevista será dividida em 3 momentos: Perguntas gerais, perguntas sobre o público que assiste à apresentações e perguntas sobre o folclore polonês

1. Idade
  - a) 16 ou menos
  - b) de 16 a 26
  - c) de 27 a 47
  - d) 48 ou mais
2. Cidade  
\_\_\_\_\_
3. É descendente de poloneses?
  - a) Sim
  - b) Não
  - c) Não, mas possui contato com a cultura
4. Há quanto tempo você participa de grupo folclórico?  
\_\_\_\_\_
5. Na sua opinião, o que motiva um público a assistir uma apresentação folclórica?
  - a) Oportunidade
  - b) A Curiosidade
  - c) Familiares/conhecidos que dançam
  - d) A cultura polonesa
  - e) Outros. Qual?
6. De 10 para superou às expectativas e 1 para não atendeu às expectativas. Que nota em média você acredita que o público daria?  
\_\_\_\_\_
7. O público que assiste a uma apresentação costuma ir a outras?
  - a) Sim
  - b) Não
8. Na sua opinião, como o grupo costuma fomentar a cultura polonesa para o público?  
\_\_\_\_\_
9. Qual o perfil do público que costuma ir a apresentações do grupo folclórico?  
\_\_\_\_\_
10. Na sua opinião, o grupo transmite ao público algum tipo de significado sobre o folclore que é apresentado?
  - a) Sim
  - b) Não
11. Na sua opinião, existe algum tipo de melhoria nas apresentações do grupo folclórico?
  - a) Sim
  - b) Não
12. Se sim, qual?  
\_\_\_\_\_

### APÊNDICE 3 - QUESTIONÁRIO PARA O PÚBLICO NO EVENTO

#### **TCC: O folclore polonês como um produto turismo e cultura em Curitiba - público geral**

O seguinte questionário compõe um trabalho de conclusão de curso do Curso de Turismo da Universidade Federal do Paraná. Os dados serão restritos à pesquisa e ajudaram a construir um novo produto turístico cultural a partir do Folclore Polonês no Paraná

1. Idade
  - a) 16 ou menos
  - b) de 16 a 26
  - c) de 27 a 47
  - d) 48 ou mais
2. Sexo
  - a) Feminino
  - b) Masculino
3. Você está acompanhado (a)? De quem?
  - a) Não
  - b) Sim. Família
  - c) Sim. Amigos
  - d) Outros
4. Cidade  
\_\_\_\_\_
5. É descendente de poloneses ou possui relação com a cultura polonesa?
  - a) Sim
  - b) Não
6. Já assistiu a alguma apresentação de grupo folclórico?
  - a) Sim
  - b) Não
- Caso a resposta seja b)
7. Por que não?  
Caso a resposta seja a)
8. O que o motivou a assistir
  - a) A oportunidade
  - b) A Curiosidade
  - c) Familiares/conhecidos que dançam
  - d) A cultura polonesa
  - e) Outros. Qual?
9. De 10 para superou às suas expectativas e 1 para não atendeu às suas expectativas, qual nota você dá a apresentação?  
\_\_\_\_\_
10. Na sua opinião, o que faltou?
  - a) Interação com o público
  - b) Mais informação sobre a cultura polonesa
  - c) Maior experiência
  - d) Não faltou nada
  - e) Outro. Qual?
11. Alguma sugestão?  
\_\_\_\_\_



## ANEXO 1 - ORGANIZAÇÕES POLÔNICAS

	Local	Estado	Nome
1	Água Branca	ES	Associação dos Poloneses em Água Branca
2	Rio de Janeiro	RJ	Sociedade Beneficente Polônia
3	Rio de Janeiro	RJ	Associação de Combatentes Poloneses
4	São Paulo	SP	Sociedade Brasileira de Cultura Polonesa José Pilsudski
5	São Paulo	SP	Associação Polonesa Educativo-Cultural em São Paulo (APOLEC-SP)
6	Campo Largo	PR	Clube Cultural Polônês
7	Cascavel	PR	Associação Cultural Polonesa
8	Colônia Cristina	PR	Sociedade São Casimiro
9	Curitiba	PR	Braspol- Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa do Brasil
10	Curitiba	PR	Cetro de Cultura Polones
11	Curitiba	PR	Sociedade Polono-Brasileira Tadeusz Kosciuszko
12	Curitiba	PR	Sociedade Polono-Brasileira Marechal Pilsudski
13	Curitiba	PR	Sociedade União Juventus
14	Irati	PR	Centro de Tradições Polonesas 3 de Maio
15	São Mateus do Sul	PR	Centro Polônico Marcelo Janowski
16	Brusque	SC	Associação Berço da Imigração Polonesa no Brasil
17	Canoinhas	SC	Sociedade Cultural Polonesa
18	Criciúma	SC	Sociedade Água Branca
19	Florianópolis	SC	Sociedade Polônia
20	Itaiópolis	SC	Associação Cultural Polonesa
21	Jaraguá do Sul	SC	Associação da Cultura Polonesa
22	Massaranduba	SC	Associação Polonesa Karol Wojtyla
23	São Bento do Sul	SC	Sociedade Varsóvia
24	Casca	RS	Centro Cultural João Paulo II
25	Erechim	RS	Sociedade Polonesa Rui Barbosa
26	Frederico Westphalen	RS	Sociedade Polonesa Karol Wojtyla
27	Ijuí	RS	Centro de Cultura Polonesa Karol Wojtyla
28	Santos Ângelo	RS	Associação Cultural da Etnia Polonesa
29	Santo Antônio do Palma	RS	Associação Água Branca
30	Porto Alegre	RS	Sociedade Polônia
31	Rio Grande	RS	Sociedade Cultura Água Branca

FONTE: MALCZEWSKI (2008)